

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Desenvolvimento Econômico Local: uma análise das
potencialidades econômicas e logísticas da Zona Oeste
do Rio de Janeiro - 1996 a 2008**

VINICIUS GOMES DOMINATO FERREIRA
Matrícula nº: 106.030.973

ORIENTADOR(A): Lia Hasenclever

SETEMBRO DE 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Desenvolvimento Econômico Local: uma análise das
potencialidades econômicas e logísticas da Zona Oeste
do Rio de Janeiro - 1996 a 2008**

VINICIUS GOMES DOMINATO FERREIRA
Matrícula nº: 106.030.973

ORIENTADOR(A): Lia Hasenclever

SETEMBRO DE 2010

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do autor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Lilian e à minha outra “mãe” Sandra pelo apoio e pelas oportunidades oferecidas nessa etapa da minha vida que foi a experiência acadêmica, e aos meus familiares e amigos, que sempre confiaram no meu potencial e que nunca permitiram que eu desistisse do sonho. Agradeço também a todos do Grupo de Economia da Inovação em especial à Rodrigo Lopes, Helena Klein e Letícia Teixeira que sempre tiveram uma grande disponibilidade e paciência comigo, com as minhas idéias e opiniões, ao professor Luiz Martins que me apresentou e possibilitou o meu maior entendimento do tema e principalmente a minha orientadora Lia Hasenclever por todo apoio, conselhos, direções e inspiração nestes últimos dois anos.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise e caracterização das empresas, indústrias e da infra-estrutura existentes na Zona Oeste do Rio de Janeiro considerada a partir das Regiões Administrativas de Bangu, Campo Grande, Realengo e Santa Cruz identificando os desafios e oportunidades locais. A metodologia utilizada se baseia na análise dos dados existentes sobre a região e da leitura e compreensão do tema desenvolvimento econômico e da história da Zona Oeste. Os resultados encontrados no trabalho se encontram de acordo com os pressupostos levantados a respeito da deficiência das infra-estruturas existentes na Zona Oeste e da formação do tecido econômico ser composto por um grande número de micro e pequenos estabelecimentos.

SÍMBOLOS, ABREVIATURAS, SIGLAS E CONVENÇÕES

FECOMÉRCIO-RJ	Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro
FIRJAN	Federação das Indústrias do Rio de Janeiro
IE	Instituto de Economia
MRJ	Município do Rio de Janeiro
PAC	Pesquisa Anual do Comércio
PIA	Pesquisa Industrial Anual
PIM-PF	Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

Índice

Introdução	8
Capítulo I: Breve Evolução Histórica da Zona Oeste	11
I.1. Características Históricas e Econômicas da Região em Estudo	12
I.1.1 – Bangu	12
I.1.2 – Campo Grande	14
I.1.3 – Realengo	15
I.1.4 – Santa Cruz	17
I.2. Comparação com o Município do Rio de Janeiro	18
I.2.1 – Zona Norte	19
I.2.2 – Zona Sul	20
I.2.3 – Centro e Zona Portuária	22
I.2.4 – Comparação com a Zona Oeste	24
I.3. Desafios da Zona Oeste	25
Capítulo II: Caracterização Econômica da Zona Oeste – Estabelecimentos/ Infra-estrutura	28
II.1. Estabelecimentos e Empregos quanto às Atividades Econômicas	28
II.2. Estabelecimentos e Empregos quanto aos Tamanhos dos Estabelecimentos	37
II.3. Problemas e Soluções	41
Capítulo III: Potencialidades e Debilidades da Zona Oeste	45
III.1. Potencialidades	46
III.1.1 – Características Naturais e Econômicas da Zona Oeste	46
III.1.2 – Setores Tradicionais na Zona Oeste	47
III.1.3 – Construção Civil como principal Atividade em Expansão na Zona Oeste.....	50
III.2. Debilidades	51
III.2.1 – Características Naturais e Econômicas da Zona Oeste	51
III.2.2 – Atividades Econômicas Deficientes na Zona Oeste	52
III.2.3 – Setor de Transporte e Comunicações como Atividade em contração	55
III.3. Soluções e Propostas para a Zona Oeste	56
Conclusão	60
Referências Bibliográficas	64

Introdução

O Município do Rio de Janeiro sempre participou de forma ativa não só do desenvolvimento do próprio Estado, sendo a região com maior grau de impulsão deste, mas também do Brasil como um todo. Porém essa posição conquistada pelo MRJ vem se modificando desde o período posterior à transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília, na década de 60, alternando momentos de estagnação como a década de 80 com momentos de crescimento, como a primeira década deste novo século. O Município do Rio de Janeiro perdeu muito espaço principalmente para os Estados de São Paulo e de Minas Gerais, no que se refere à indústria, assim como para o próprio interior do Estado do Rio de Janeiro, com inúmeras fábricas se deslocando do centro para o interior. No que se refere aos serviços, o MRJ perdeu espaço para quase todos os outros Estados do Brasil, pois esse setor se desenvolveu de forma diferente da indústria, se espalhando pelo país, deixando assim o MRJ para trás no que diz respeito ao setor.

A Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro¹ é composta pelas regiões administrativas de Bangu, Campo Grande, Realengo e Santa Cruz num total de 17 bairros*. Por motivos óbvios, percebidos os grandes investimentos que são recebidos na região, o processo de reorganização econômica, social e política do MRJ é enorme. Não só há mudanças na infra-estrutura da região devido à diminuição da participação da esfera pública no cotidiano do município, quanto na estrutura dos estabelecimentos existentes e nos empregos gerados por estes.

Delimitou-se o período de 1996 a 2008 para este estudo. A justificativa é porque se partiu da análise realizada pelo projeto de “Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e do seu Entorno” compreendida entre 1996 e 2006 e a seguir realizou-se a avaliação dos dados para 2007 e 2008. Nem todos os dados foram possíveis de serem avaliados, conforme explicado ao longo do trabalho.

¹ Adota-se a mesma delimitação feita pelo projeto “Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e do seu Entorno” do grupo de Economia da Inovação da UFRJ.

* Bangu, Padre Miguel, Senador Camará, Campo Grande, Cosmos, Inhoaíba, Santíssimo, Senador Vasconcelos, Paciência, Santa Cruz, Sepetiba, Campo dos Afonsos, Deodoro, Jardim Sulacap, Magalhães Bastos, Realengo e Vila Militar.

O trabalho parte de dois pressupostos básicos. O primeiro é que o tecido econômico da região é composto por um grande número de micro e pequenas empresas nos setores comercial, industrial e serviços, com problemas principalmente no que se refere à mão-de-obra, qualificação e informação de todos os tipos. O segundo pressuposto diz respeito às infra-estruturas relacionadas aos setores. Elas não são adequadas ao pleno desenvolvimento das empresas e de suas necessidades. O objetivo geral do trabalho é estudar a Zona Oeste* do Município do Rio de Janeiro, em particular analisando e caracterizando os estabelecimentos, empregos e a infra-estrutura da região com o objetivo de fornecer idéias para identificar os principais desafios e oportunidades locais para o seu desenvolvimento.

A metodologia utilizada para a realização do objetivo foi a leitura do tema desenvolvimento econômico a partir do livro “Caleidoscópio do Desenvolvimento”; a releitura do Projeto “Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste e de seu Entorno” do Grupo de Economia da Inovação; a leitura de livros que tratavam da história do Rio de Janeiro; a leitura dos dados e informações em Instituições como IPP (Instituto Pereira Passos), IBGE, Prefeitura do Rio de Janeiro entre outros e da atualização e interpretação dos dados da RAIS.

Este trabalho está dividido em três capítulos além desta introdução e da conclusão: o Capítulo I tem por objetivo estabelecer um referencial histórico das quatro regiões do Município do Rio de Janeiro, com a Zona Oeste, objetivo principal do trabalho, a Zona Sul, Zona Norte e a região do Centro/ Zona Portuária. Para cada uma das regiões é mostrada através das suas evoluções históricas a caracterização das principais atividades para fins comparativos. Para isto, devido à carência de informações relativas a um período anterior a 1996 foram utilizadas as bases de dados da Prefeitura do Rio de Janeiro e o projeto anteriormente citado.

No capítulo II é analisado o desempenho da Zona Oeste perante os dados do MRJ. Na primeira parte do capítulo, a análise é feita através de quatro tabelas relacionadas aos setores econômicos, divididas entre número de estabelecimentos e número de empregos gerados, assinalando destaques positivos e negativos. Na segunda parte do capítulo, as duas tabelas seguintes fornecem elementos sobre o número de estabelecimentos e o número de empregos por segmento de empresas (Micro, Pequenas, Médias e Grandes). Tanto a primeira quanto a segunda parte do capítulo foram baseadas

na comparação entre os dados da RAIS 2006 e 2008. Na terceira e última parte do capítulo, foram analisadas duas tabelas com opiniões de empresários e populares sobre os problemas e soluções existentes em 6 bairros da Zona Oeste, esta análise foi realizada pelo projeto anteriormente citado.

O capítulo III busca identificar as características, infra-estruturas e setores potenciais e deficientes existentes na região com o objetivo de gerar propostas e possíveis soluções que elevem o desenvolvimento econômico da Zona Oeste. Na primeira parte do capítulo serão tratadas as potencialidades, na segunda parte as debilidades e na terceira e última, as propostas e possíveis soluções encontradas. Por fim, a Conclusão tem por objetivo sintetizar e organizar os argumentos defendidos ao longo do trabalho a fim de reunir elementos ilustrativos dos pressupostos defendidos e apontar possibilidades para a defesa da Zona Oeste do Rio de Janeiro como uma região com potencial de desenvolvimento.

CAPÍTULO I – BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ZONA OESTE

O estudo do Desenvolvimento Local pressupõe um diagnóstico histórico e sócio-econômico da região a ser estudada. Com isso, este capítulo tem por objetivo apresentar a história da Zona Oeste do Rio de Janeiro, principalmente no que se refere aos quatro bairros mais importantes e que por esse motivo, nomeiam as respectivas Regiões Administrativas estudadas.

Nesse sentido, vale a pena lembrar que este estudo trata de uma Zona Oeste específica, composta pelas Regiões Administrativas de Bangu, Campo Grande, Realengo e Santa Cruz, totalizando 17 bairros do Município, e deixando de fora outras Regiões Administrativas que compõem a Zona Oeste original do Rio de Janeiro, devido ao fato de não terem características semelhantes às demais, por serem menos industrializados.

Quadro 1 – Regiões administrativas da Zona Oeste do Rio de Janeiro

	Região	Bairros
XVII	Bangu	Bangu Padre Miguel Senador Camará
XVIII	Campo Grande	Campo Grande Cosmos Inhoaíba Santíssimo Senador Vasconcelos
XIX	Santa Cruz	Paciência Santa Cruz Sepetiba
XXXIII	Realengo	Campo dos Afonsos Deodoro Jardim Sulacap Magalhães Bastos Realengo Vila Militar

Fonte: Instituto Pereira Passos

I.1 – CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E ECONÔMICAS DA REGIÃO EM ESTUDO

Essa seção tem como objetivo apresentar as características históricas e econômicas responsáveis pelo surgimento e desenvolvimento dos principais bairros da Zona Oeste em estudo. Será apresentada a história de cada bairro, do período de sua fundação até o seu passado recente, situando as principais atividades econômicas exercidas por cada um deles, além de fatores fomentadores de urbanização e de desenvolvimento humano.

I.1.1 – BANGU

Seguindo a linha de raciocínio do Desenvolvimento Local, em que uma análise histórica e sócio-econômica se faz necessário para o entendimento de uma região, nesta primeira subseção, será abordado o bairro de Bangu, com sua origem atrelada à instalação da antiga fazenda dos jesuítas em Santa Cruz, no século XVI e posteriormente, com a criação em 1673 da Paróquia Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. Nesse mesmo ano, houve a fundação da Fazenda Bangu por Manuel Barcelos Domingos, ainda com o nome de Engenho da Serra, dando início assim as primeiras atividades econômicas registradas na região.

O desenvolvimento do bairro se deu a partir do final do século XVII, com o movimento de mercadorias intensificado em função da criação de gado bovino e do cultivo de cana-de-açúcar exercido pelos jesuítas e da existência de pequenos sítiantes, rendeiros e posseiros que levavam o resultado de suas lavouras de cana para moagem no engenho e o excesso de seus cultivos de frutas e hortaliças para atender à demanda local em carros de boi, que percorriam a região, propiciado pela Estrada Real de Santa Cruz e também criando novos caminhos. Portanto, o processo de urbanização da região se deu a partir das fazendas, como ocorria no Brasil Colonial, ligado à construção de igrejas e capelas. Com o passar do tempo, o Engenho da Serra se encontra em destaque, devido ao elevado crescimento da sua produção, gerando disputas, uma vez que esta superava a de quase todos os outros engenhos situados fora dos territórios dos jesuítas. Em 1740

João Manuel de Melo recebe por sesmaria a fazenda, fato que levou ao seu assassinato, forçando sua viúva em 1743 a vender a fazenda, que no decorrer do tempo passou por muitos donos, mas apenas sendo conhecida por Fazenda Bangu em 1798 onde dona Anna Francisca de Castro Morais e Miranda – a dona Anna Bangu, donatária da fazenda no período, utilizou o nome em papéis e documentos oficiais referentes à propriedade, entre outros donos.

Com o surgimento, nas últimas décadas do século XX, de grandes fábricas de tecidos no Rio de Janeiro como a América Fabril, no Jardim Botânico, a Confiança Industrial, em Vila Isabel e a Aliança, em Laranjeiras, surge no distante bairro de Bangu uma moderna fábrica com tecnologia inglesa, instalada nas terras do antigo Engenho da Serra, posteriormente Fazenda Bangu, revendida à Companhia Progresso Industrial do Brasil ou como ficaria conhecida a partir de então, Fábrica Bangu. Mais precisamente em 6 de fevereiro de 1899 por deliberação da Assembléia de Acionistas a Cia. Progresso Industrial do Brasil se torna a proprietária da Fazenda Bangu, que fora instalada na região devido à disponibilidade de grandes mananciais de água, que na época eram indispensáveis ao funcionamento da fábrica.

Foi a partir da criação da Fábrica Bangu que realmente se deu a evolução de Bangu, transformando o espaço rural rapidamente em urbano, facilitado principalmente pelo acesso ao ramal ferroviário de Santa Cruz com a criação de uma estação em 1890.

“A estrada de ferro chegou em 1878, com a inauguração do ramal de Santa Cruz da E. F. Dom Pedro II e a abertura da Estação de Bangu, em 1890. Ainda no final do século XIX, foi construída a Fábrica Bangu (1893), com vilas residenciais para técnicos e operários da fábrica.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/ Área 141).

I.1.2 – CAMPO GRANDE

O bairro hoje conhecido como Campo Grande, tinha suas terras que iam do atual bairro de Deodoro, passando por Bangu e terminando onde hoje é Cosmos, por isso seu nome de “Campo Grande”. A partir da fundação da Cidade em 1565, passou a pertencer à grande Sesmaria de Irajá, que desmembrada em 1673, teve a região em estudo doada a Manoel Barcelos Domingos no mesmo ano de fundação da paróquia de Nossa Senhora do Desterro, marco histórico da ocupação da região.

Antes da Freguesia Rural de Campo Grande começar a prosperar, teve sua ocupação influenciada pela antiga fazenda dos jesuítas em Santa Cruz, desenvolvendo-se na região o cultivo de cana-de-açúcar e a criação de gado bovino. Entre o final do século XVI até meados do XVIII, a ocupação territorial da região foi lenta, apesar do intenso esforço dos jesuítas, expulsos em 1759 do Brasil pelo Marquês de Pombal. Posteriormente, historiadores apontam a Fazenda do Mendanha como desenvolvedora da cafeicultura que mais tarde viria a se espalhar pelo vale do Paraíba, atingindo em sua expansão, a província de Minas Gerais.

O desenvolvimento urbano da região ocorreu a partir do núcleo formado no entorno da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, cuja principal atração era a oferta de água do poço existente nas proximidades da igreja, pois o abastecimento de água naquela época era um grande atrativo e fator de desenvolvimento. Os aglomerados humanos também surgiram nas proximidades das fazendas, engenhos e das pequenas vilas de pescadores, ao longo da costa. Assim como em Bangu, Campo Grande ganhou em 1879 uma estação da Estrada de Ferro Dom Pedro II, facilitando assim o acesso e o povoamento do bairro, fortalecido ainda mais pela concessão da linha de bondes à tração animal conquistada pela Companhia de Carris Urbanos, sendo substituída em 1915 pelos bondes elétricos, transformando a região tipicamente rural em urbana.

“A partir da segunda metade do século XIX, com a implantação da E. F. Dom Pedro II, foi construída a estação de Campo Grande, inaugurada em 2 de dezembro de 1879, que muito contribuiu para o adensamento do núcleo

urbano do bairro, pois facilitava o acesso ao Centro da Cidade.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/ Área 144).

Ainda se tratando da evolução de Campo Grande, o bairro passou por mais uma transformação com as crises da cafeicultura iniciadas no final do século XIX e persistindo no século seguinte, tomando outros rumos agrícolas, principalmente voltados à citricultura. Desde os primeiros anos do século XX até os anos 40, Campo Grande foi considerada a grande região produtora de laranja, ganhando até o apelido de “Citrolândia”.

Na década de 30, durante o Governo do presidente Washington Luis, a Estrada Real foi incorporada à antiga Estrada Rio-São Paulo, integrando assim a região de Campo Grande ao tecido urbano da Cidade, acentuando seu adensamento, que em 1946, com a abertura da Avenida Brasil, aproximaria ainda mais a região do restante da Cidade.

No âmbito industrial, onde já se configurava uma tendência no Brasil desde a segunda metade do século XIX, principalmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, essa região não participava dessa atividade, sendo ainda voltada para o âmbito agrícola, mudando sua atuação apenas no século seguinte, exatamente em 1946, com a instalação em Campo Grande por Bartolomeu Rabelo de uma avicultura industrial, iniciando uma nova atividade no Rio de Janeiro. A partir da década de 60, com uma política de desenvolvimento industrial, houve a criação em Campo Grande de um Distrito Industrial, atraindo para a região grandes empresas.

I.1.3 – REALENGO

O bairro de Realengo tem sua origem datada, segundo alguns historiadores pela carta Régia de 27 de Junho de 1814, através do qual Dom João, ainda príncipe concedeu em sesmaria ao Senado da Câmara os terrenos situados em Campo Grande, chamados de realengos, porque, advindos da conquista territorial pela descoberta do país, se encontravam incorporados ao patrimônio real. Sendo essa uma das origens do nome do

bairro, havia, porém uma relacionada à tradição popular que dizia que o nome do bairro vinha da abreviação de Real Engenho que era Real Eng^o. fixada no topo dos bondes e que com o passar do tempo, tornou-se popularmente Realengo. As terras onde hoje é o bairro, foram destinadas apenas para servir de pastagem de gado bovino, fornecendo carne aos açougues da Cidade do Rio de Janeiro. Aliás, essas terras foram proibidas de venda ou de quaisquer outras formas de alienação, obrigando a Câmara, sua donatária, a medir e colocá-las limpas e em condições de servir para o fim a que foram doadas pela mencionada carta Régia. Apesar da proibição expressa de arrendamento, venda ou quaisquer outras formas de alienação das terras, a Câmara, a partir de determinado momento, valendo-se da carta Régia de 27 de junho, passou a aforar todos os terrenos concedidos a ela.

Os primeiros povoadores do bairro foram escravos e emigrantes portugueses advindos da Ilha de Açores, por ordem do príncipe Dom João, futuro Dom João VI, que ao chegarem, se dedicaram à agricultura para pastagem levando produtos como açúcar, rapadura, álcool e cachaça, pelo Porto de Guaratiba.

O desenvolvimento de Realengo, deixando de ser um bairro exclusivamente rural, se deu a partir da segunda metade do século XIX, com a inauguração em 1878 da estação ferroviária de Realengo e com a criação de uma Zona Militar.

“No reinado de Dom Pedro II, Realengo se converteria em Zona Militar, com a instalação da escola de tiro e da Imperial Academia Militar. Após a proclamação da República, uma série de instalações militares veio a se implantar no bairro, como o 1º Batalhão de Engenheiros (1897), a fábrica de cartuchos e artifícios de guerra (1898) e a Escola de Guerra (1911) que, mais tarde, transferiu-se para o Município de Resende.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/Área 139).

Em 1898 foi construída a fábrica de cartuchos do Exército, conhecida como “Fábrica do Realengo de munição” desativada apenas em 1978. Vieram então os conjuntos habitacionais como o IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos

Industriários) que serviria para os operários da fábrica e posteriormente década de 70, outros conjuntos habitacionais para população de baixa renda, dando maior sentido a ocupação efetiva da região que perderia assim o aspecto rural.

I.1.4 – SANTA CRUZ

A baixada de Santa Cruz era originalmente povoada por índios Tupi-Guarani, mas com a chegada dos portugueses a região foi doada em 1567 a Cristóvão Monteiro, da Capitania de São Vicente, como recompensa aos serviços prestados durante a expedição que expulsou definitivamente dos franceses da Guanabara. Um século mais tarde, por meio de aquisições e doações, viria a pertencer a Companhia de Jesus. Esse imenso latifúndio, nomeado de Fazenda de Santa Cruz, se tornou na fazenda mais desenvolvida da Capitania, com milhares de escravos, cabeças de gado e diversos tipos de cultivo, passando por suas terras o caminho dos Jesuítas, trilha que ligava a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ao sertão, posteriormente denominado Caminho das Minas, e posteriormente ainda, Estrada Real de Santa Cruz.

Com a expulsão dos Jesuítas dos domínios de Portugal e de suas colônias em 1759, o patrimônio da Companhia de Jesus reverteu para a Coroa. Com a chegada da Família Real ao Brasil em 1808, a fazenda foi escolhida como local de veraneio, tornando-se Palácio Real de Santa Cruz e depois, com o Império, Palácio Imperial de Santa Cruz.

O desenvolvimento do bairro aconteceu a partir do final do século XIX com a inauguração da estação de trem e do Matadouro de Santa Cruz, que serviriam como vetores de integração do bairro para com o resto do Município do Rio de Janeiro.

“Em 1878 foi inaugurada a estação de trem e no final de 1881, D. Pedro II inaugurou o Matadouro de Santa Cruz, tido como o mais moderno do mundo à época, que era servido por um ramal da estrada de ferro e abastecia de carne toda a cidade do Rio de Janeiro. Também, devido ao

gerador que atendia ao matadouro, Santa Cruz foi o primeiro bairro do subúrbio a ter iluminação elétrica. D. Pedro II também inaugurou o primeiro telefone da Fazenda.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/ Área 149)

Depois da Proclamação da República, Santa Cruz perdeu muito do seu prestígio, mesmo assim ainda atraiu muitos imigrantes que contribuíram em demasia para a economia, desenvolvendo e expandindo o comércio através dos italianos e árabes, e a agricultura com os japoneses.

Durante o governo Getúlio Vargas na década de 30, com as transformações geradas pelos programas adotados no período, principalmente os ligados ao saneamento, que valorizou as terras, recuperando a salubridade e o dinamismo econômico a partir da criação das Colônias Agrícolas, Santa Cruz voltou a viver um bom momento devido principalmente ao tamanho da sua produção, que abastecia toda a cidade do Rio de Janeiro, recebendo assim o título de “celeiro” do Distrito Federal.

Mesmo com o intenso desenvolvimento do Rio de Janeiro, voltando-se para todas as direções, Santa Cruz, assim como Campo Grande, só teve sua caracterização industrial mais fortemente verificada a partir da década de 70, quando em 1975 foi inaugurada a Zona Industrial de Santa Cruz, fomentando a urbanização do bairro.

I.2 – COMPARAÇÃO COM O MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

A seção trata de uma forma breve a evolução do Município do Rio de Janeiro com o objetivo de mostrar que a linha de desenvolvimento foi a mesma, mas que em algum momento da história do MRJ, a Zona Oeste se desencontrou das outras áreas. Essa evolução será descrita a partir de uma apresentação histórica das outras zonas do Município do Rio de Janeiro, como a Zona Norte, Zona Sul e a região do Centro/Zona Portuária, observando os fatores e a forma de desenvolvimento dessas regiões a partir de

alguns bairros considerados referências. Essas informações servirão de base para comparação com a região de estudo.

I.2.1 ZONA NORTE

A história da Zona Norte do Rio de Janeiro se inicia com a distribuição de terras após a fundação da cidade no século XVI, dando início ao surgimento de inúmeros engenhos. Com o passar dos anos, as fazendas foram sendo divididas e assim foram surgindo Engenho de Dentro, Engenho Novo (1707) e Engenho da Rainha, os primeiros bairros da Zona Norte. Este último bairro possui este nome porque fazia parte das terras pertencentes à rainha Dona Carlota Joaquina, casada com D.João VI.

O apogeu de surgimento e desenvolvimento dos bairros da Zona Norte se deu a partir da segunda metade do século XIX com a criação de estações ao longo da Estrada de Ferro D.Pedro II. Com a inauguração da estação Central do Brasil em 1858, vieram as estações de Cascadura, São Cristovão e Engenho Novo, além da estação de Japeri (antiga estação Belém) e de Queimados, ambas fora do Município do Rio de Janeiro. Em seguida, outras estações foram criadas dando continuidade ao desenvolvimento de bairros que hoje têm grande importância para a Zona Norte como: Engenho de Dentro (1873), Méier (1889) e Madureira (1890).

Enfim, a Zona Norte do Município do Rio de Janeiro, no seu surgimento e evolução engloba características rurais, urbanas, industriais e residenciais. Os bairros nomeados de Engenhos (Novo, de Dentro, da Rainha) foram os vetores do desenvolvimento da agricultura, principalmente no início da história da região, no que se refere à cana-de-açúcar e ao café, tendo posteriormente o auxílio do Bairro de Madureira no comércio desses bens, com seu Mercado criado em 1914, considerado o maior centro de distribuição de alimentos da região, e posteriormente ainda, centro comercial. As características urbanas principalmente se relacionam com o bairro da Tijuca, devido a sua proximidade ao Centro da Cidade do Rio de Janeiro, cujos moradores viam na Tijuca um recanto, sendo construídas chácaras, mansões e vivendas de ricos e nobres, mas que posteriormente, foram transformadas em residências.

São Cristóvão pode ser considerado um exemplo de evolução e adaptação, tendo sua origem rural na pecuária e agricultura, tornando-se uma área residencial nobre com a instalação da Família Real na Quinta da Boa Vista e posteriormente com sua decadência, tornando-se bairro industrial na década de 30 com o apoio do Decreto 6.000 de 1937². Já o Bairro de Marechal Hermes pode ser considerado o exemplo mais favorável à teoria da existência do caráter residencial na formação da Zona Norte. O bairro foi criado em 1913 com o objetivo de ser uma “Vila proletária”, planejada para ser estritamente residencial, o que não agradou a população na época, sendo o projeto abandonado no ano seguinte com o término do mandato do Presidente Marechal Hermes da Fonseca, dando lugar a moradias simples levantadas pelo operariado.

I.2.2 – ZONA SUL

Em 1503/1504 uma expedição comandada por Gonçalo Coelho chegou numa região que hoje corresponde aos bairros do Flamengo e Glória, estabelecendo uma feitoria, marco inicial da ocupação da cidade. Assim, como todo o resto da cidade do Rio de Janeiro, os bairros que hoje conhecemos como representantes da Zona Sul eram divididos em grandes propriedades. O melhor exemplo para ilustrar esse fato é o bairro de Botafogo, que foi propriedade de duas figuras importantes para a história do bairro: João Pereira de Sousa Botafogo que comprou as terras de seu primeiro ocupante e o Vigário Geral Dom Clemente José de Matos, proprietário de toda a região no século XVIII, que ia da praia de Botafogo até a lagoa Rodrigo de Freitas. Outra região que também teve seu desenvolvimento no século XVIII foi a referente à porção superior do Vale das Laranjeiras, junto as encostas do Corcovado e da Serra da Carioca, atualmente compreendida como Cosme Velho. A área foi desbravada com o desenvolvimento de granjas, que se cobriam de bananeiras, laranjeiras e canaviais, e posteriormente de café. Laranjeiras e Leblon também eram regiões rurais, a primeira responsável pelo abastecimento de verduras, legumes e laranja e a última como fazenda de gado.

² Decreto 6.000 de 1937 – Código de Obras do Distrito Federal.

Já no século XIX, pode-se verificar uma mudança na estrutura da Zona Sul, principalmente com a chegada da Família Real e sua Corte em 1808. Botafogo recebeu mansões em sua enseada, atraindo membros da Corte, ricos comerciantes e o corpo diplomático. Fato que ocorreu também no bairro do Catete, principalmente ao longo da rua de mesmo nome, onde em 1897 fora comprado o Palácio Nova Friburgo, transformando-o em Palácio do Catete, que serviu de abrigo para os Presidentes da República até a transferência da capital, 63 anos mais tarde. O bairro do Flamengo também teve igual serventia, como será visto na citação abaixo:

“No século XIX, o bairro do Flamengo já estava integrado à malha urbana e abrigava residências de aristocratas ricos e grandes fazendeiros de café. No final do século, com a decadência da cultura cafeeira, as grandes mansões passam a ter destinações diversas, como escolas e asilos.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/Área 15).

Os hoje tão badalados bairros de Ipanema e Copacabana, só tiveram seus desenvolvimentos acentuados na segunda metade do século XIX. A região correspondente a atual Ipanema pertencia à Fazenda Copacabana, apenas sendo desmembrada em 1857 e com sua urbanização iniciada em 1883, por uma empresa criada para tal objetivo. Já Copacabana só começou a sua urbanização com a abertura do Túnel Velho, que liga até hoje Botafogo a Copacabana, e com a chegada em 1892 da linha de bondes da Companhia Ferro-Carris Jardim Botânico. Já o bairro da Gávea, tinha sua região pertencente à povoação de São José da Lagoa e desta foi desmembrada em 1873, originando a freguesia de Nossa Senhora da Gávea. Seu desenvolvimento começou por volta do início do século XX, surgindo Indústrias como a Fábrica de Tecidos São Félix, depois a Cotonifício da Gávea entre outras.

“No século XX, surgiram as indústrias, como a Fábrica de Tecidos São Félix, depois Cotonifício da Gávea, e Sudantex, no início da década de 1920. Depois vieram os Laboratórios Park-Davis, Moura Brasil e a Indústria Química Merrel do Brasil. Com isso, se instalaram vilas operárias, casas de cômodos e, no ano de 1942, o Parque Proletário da

Gávea, removido em 1970.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/ Área 29)

Por último, surgiu o bairro da Urca advindo de aterros ao longo da orla voltada para a enseada de Botafogo entre 1910 e 1922. O bairro é de característica predominantemente residencial, mesmo já havendo desde 1856 construções militares como o Batalhão de Engenheiros e a Escola Militar e de Aplicação. A Urca chama atenção também por ter sido sede do primeiro canal de televisão do Brasil, a TV Tupi, instalada até 1968 no prédio que primeiro abrigou o Hotel Balneário (até 1933) e que depois abrigou o Cassino da Urca (até 1946), quando este devido à proibição por Lei dos jogos de azar foi extinto.

I.2.3 – CENTRO E ZONA PORTUÁRIA

A história do Centro da Cidade do Rio de Janeiro se inicia em 1567, quando houve a transferência do núcleo original da cidade de onde fica a Urca para o Morro do Castelo. Com isso, aos poucos a população começou a ocupar a planície entre os morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição e a aterrar pântanos e lagoas existentes onde hoje se localiza o Centro.

Apenas a partir da segunda metade do século XVIII foram realizadas obras de urbanização, implantados serviços e criadas novas vias e pontes no Centro do Rio, passando assim, a partir da transferência da capital para o Rio em 1763 e da vinda da Família Real em 1808 a sofrer uma remodelação. Porém, em meados do século XIX o Rio ainda era uma cidade sem transportes públicos, somente iniciando uma nova era em 1868 com a inauguração da primeira linha de bondes, que ia do Centro à Praia de Flamengo.

Com a reforma urbana promovida por Pereira Passos, na primeira década do século XX, o Centro do Rio de Janeiro passou por uma transformação radical, com a derrubada de cortiços e edificações precárias e a abertura e o alargamento de ruas. Surgem a Avenida Central, atual Rio Branco, e a Avenida Beira-Mar, praças antigas são

reformadas e construídos o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional, dentre inúmeros outros projetos.

Os bairros que compõem a Zona Portuária têm seus desenvolvimentos relacionados às atividades do Porto. O bairro da Gamboa foi incrementado pelo ciclo de café, tornando-se repleto de trapiches e armazéns. O maior proprietário de terras do local, Barão da Gamboa, em 1852 abriu e prolongou ruas em seus terrenos, criando assim lotes urbanos; mais tarde, em 1879, propiciou a instalação da Estação Marítima e com o aterro de toda essa orla, permitiu a construção do Cais do Porto. Já o bairro de Saúde:

“... passou a ter sua orla repleta de trapiches, armazéns e cais, com entrepostos de madeiras, couros, açúcar, cal de mariscos e produtos agrícolas vindos da Bahia. Com o ciclo do café, a região teve notável progresso. O café cultivado no Vale do Paraíba descia a serra e era estocado em seus grandes armazéns”. (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/Área 01).

O bairro do Caju inicialmente fora uma região comprada pela Família Real para que D.João VI usufruísse da praia lá localizada para seus banhos medicinais. Em 1839, o provedor da Santa Casa instalou no início da praia o primeiro cemitério da Cidade para indigentes. Em 1880 foi construída na localidade a maior fábrica de tecidos do Brasil, mas com sua falência as instalações foram vendidas ao Governo Federal que no local deu origem ao novo Arsenal de Guerra, inaugurado em 1892. O bairro ainda passou por mais mudanças:

“Nos anos 40, com a abertura da Avenida Brasil, que cortou o Bairro de São Cristóvão, surgiu o atual Bairro do Caju, que sofreu sucessivos aterros para a ampliação do Cais do Porto e implantações de indústrias e grandes estaleiros que desfiguraram o perfil original da região.” (Prefeitura do Rio, Armazenzinho/Área 04).

I.2.4 – COMPARAÇÃO COM A ZONA OESTE

Como pode ser observado, a evolução histórica e o desenvolvimento das regiões do Município do Rio de Janeiro seguem uma mesma linha, o que de fato não foge da normalidade. A Zona Oeste, primeiramente rural se destaca frente às outras regiões principalmente pelo abastecimento de verduras, legumes, frutas e de gado para a Cidade do Rio de Janeiro, mas como foi visto anteriormente, esse abastecimento não era exclusivo da região, tendo a companhia de bairros como os Engenhos (Novo, de Dentro e da Rainha) da Zona Norte e com Leblon, Cosme Velho e Laranjeiras, da Zona Sul.

A urbanização e o desenvolvimento demográfico da região em estudo foram fomentados principalmente através da abertura pelos jesuítas de um caminho chamado posteriormente de Estrada Real de Santa Cruz e pela construção de estações de trem ao longo da Estrada de Ferro D.Pedro II, fator este em comum com o desenvolvimento da Zona Norte, vetor de ligação com o Centro da Cidade do Rio de Janeiro. A urbanização e desenvolvimento da Zona Sul e do Centro/ Zona Portuária não corroboram esse vetor de desenvolvimento, tendo ocorrido principalmente pela vinda da Família Real para o Brasil em 1808.

Do final do século XIX até o início da segunda metade do século XX a Zona Oeste em estudo entrou em um período de decadência, indo da falência do café na Região de Campo Grande ao abandono da Região de Santa Cruz, local de veraneio no período Real e Imperial, pós-Proclamação da República. Esse abandono da Zona Oeste pode ser tratado a partir de duas vertentes: a primeira diz respeito à distância da Zona Oeste para as outras áreas desenvolvidas do MRJ, principalmente Centro e Zona Sul; a segunda diz respeito à questão imobiliária e da sua expansão em direção a orla, onde se gerou um maior desenvolvimento devido a sua valorização. Ao contrário da Zona Oeste, o resto do Município esteve no auge de seu desenvolvimento: o Centro do Rio com a reforma radical de Pereira Passos; a Zona Sul com o surgimento e evolução de seus bairros, vide Urca, criada a partir de aterros e berço da primeira rede de televisão brasileira, Copacabana com a construção do Copacabana Palace (1919/1923) atendendo à solicitação do então presidente Epitácio Pessoa, que desejava um grande hotel de

turismo na capital e a Zona Norte com a construção do Mercado de Madureira (1914) e do Maracanã (1950).

I.3 – OS DESAFIOS DA ZONA OESTE

A percepção dos desafios existentes para a Zona Oeste do Rio de Janeiro passa por uma análise relacionada à situação vivida pelo Estado e, principalmente, pela caracterização da situação do próprio Município do Rio de Janeiro. A partir disso, podem-se caracterizar os desafios da Zona Oeste e mostrar as atividades criadas para o desenvolvimento desta, como também sugerir/indicar novas possibilidades.

O fenômeno de baixo desenvolvimento e crescimento vivido pela Zona Oeste do Rio de Janeiro não é um acontecimento meramente específico à região, como verificado por Fauré e Hasenclever (2005). Esse problema foi verificado no Estado do Rio de Janeiro onde, enganosamente a criação de riqueza nacional parece, a primeira vista estável, pois no período de 1985 a 2004, passamos de 12,7% para 12,6% de representação do PIB Nacional. Entretanto sabe-se que na década de 1970, o estado do Rio de Janeiro era responsável pela produção de 16,1% do PIB brasileiro e que entre 1985 e 2001 foi o Estado a apresentar o crescimento mais lento. Quando a taxa de crescimento do país girava em torno de 4,9%, a taxa de crescimento do Estado girava em 2,7%, melhorando apenas no período 1994 a 2003, quando o Rio cresceu a uma taxa média de 3,3%, enquanto o Brasil crescia a 2,3%.

O Estado do Rio de Janeiro nas últimas décadas pode ser caracterizado por dois períodos distintos. O primeiro de crise e perda do dinamismo da economia fluminense, entre 1985 e 1998, o outro de recuperação, principalmente devido a uma aceleração da sua cadeia petrolífera. Porém, cabe ressaltar que essa recuperação do estado do Rio de Janeiro tem suas fragilidades, ainda mais por se sustentar em apenas uma atividade, de características esgotáveis*.

* Denominado na literatura econômica de “doença holandesa”. Ver artigo “A Falácia da “Doença Holandesa” no Brasil”.

Resumidamente são percebidas três tendências marcantes sobre a situação do Estado do Rio de Janeiro. A primeira diz respeito ao caráter do declínio da economia fluminense que foi geral, pois fora observado em vários setores de atividades. Em seguida nota-se a menor deterioração e/ou recuperação econômica do Estado devido principalmente ao setor de petróleo no período pós-1998. Por último, como a economia fluminense faz parte de um conjunto nacional, as dinâmicas estaduais de certos setores podem ser importantes, mas não suficientes.

Segundo La Rovere e Osório(2010), em relação à Pesquisa Industrial Anual (PIA) e da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF), no período de 1996 a 2005, constata-se que o setor secundário do Município do Rio de Janeiro perdeu peso na indústria brasileira seguindo a tendência de desconcentração industrial das metrópoles para as cidades de médio porte. Especificamente em 1998 observa-se uma retomada do crescimento da indústria no Estado do Rio de Janeiro, porém, mais intenso no interior do que no Município.

De acordo com o livro “Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste e de seu Entorno” do grupo de Economia da Inovação da UFRJ, duas causas podem ser apontadas para se explicar o desempenho econômico do Município do Rio de Janeiro: a primeira é o pequeno número de setores industriais do Município que apresentaram taxas positivas de crescimento e a não importância do setor de petróleo, o que explicaria a retomada do crescimento no Estado. Ainda de acordo com o texto, a participação relativa dos setores de atividades econômicas pouco se alterou no período (1996-2005) no Município do Rio de Janeiro, apresentando um movimento de ligeira desconcentração da indústria de transformação e uma possível diversificação da mesma. Foi percebida também uma redução generalizada do tamanho das empresas e da produção no período.

No âmbito do comércio, de acordo com as variáveis analisadas na Pesquisa Anual do Comércio (PAC), a participação relativa do Município do Rio de Janeiro apesar de ter se reduzido, apresentou perdas pouco significativas, ainda que esse desempenho não ficasse muito aquém do desempenho do Estado, diferentemente do constatado para as atividades industriais.

Com isso, em especial na Zona Oeste, algumas iniciativas governamentais e de representantes locais têm procurado alterar esta realidade com o objetivo de mudar este quadro desfavorável de desenvolvimento industrial e comercial.

No âmbito industrial, uma possibilidade de expansão da atividade na região se deu pelo fato da implantação da política dos Distritos Industriais pelo Governo na década de 70, onde existiu uma dotação de áreas previamente planejadas de infraestrutura básica à instalação de indústrias em Campo Grande e Santa Cruz, facilitando o processo de atração para a região como Michelin, Gerdau-Cosigua, Casa da Moeda e recentemente a CSA Thyssen Krupp, entre outras.

Além dos projetos industriais em execução na Zona Oeste, esta também se encontra em uma crescente renovação imobiliária, vista principalmente através da construção de prédios comerciais e residenciais, algo pouco usual para uma região que se caracterizava pela presença quase que exclusiva de casas, e comercial, vide Calçadão de Campo Grande e de Bangu, e de Shoppings em Campo Grande, Santa Cruz e mais recentemente em Bangu, instalado na antiga Fábrica Bangu.

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA DA ZONA OESTE

A caracterização econômica de uma região, neste caso específico, da Zona Oeste do Rio de Janeiro, se baseia numa análise dos setores existentes na sua economia classificando-os em grau de importância. Para este trabalho, como o interesse se remete ao âmbito das empresas e da infra-estrutura local existente, a análise será focada nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) referente aos anos de 2006 e 2008, e nos dados da Fecomércio-RJ.

A partir dos dados da RAIS 2008 foram elaboradas tabelas nos moldes das tabelas 2 e 4, elaboradas pelo Projeto “Desenvolvimento Econômico da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno” do grupo de Economia da Inovação da UFRJ, sobre os números de estabelecimentos e empregos de acordo com as atividades econômicas que se encontram disponíveis nos quatro bairros-sede selecionados (Bangu, Campo Grande, Realengo e Santa Cruz), tabelas 1 e 3. As tabelas 5 e 6, tratam respectivamente das quantidades de estabelecimentos e de empregos gerados segundo os segmentos de empresas (Micro, Pequena, Média e Grande) de forma comparativa entre os anos de 2006 e 2008. Por último, as tabelas 7 e 8, que se referem a uma pesquisa realizada pela Fecomércio-RJ sobre os principais problemas e soluções identificadas pelas óticas empresarial e popular foram extraídas do texto do Projeto citado acima, devido à falta de atualização existente dos dados.

II.1 – ESTABELECEMENTOS E EMPREGOS QUANTO ÀS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Analisando os estabelecimentos da região quanto às atividades econômicas, destaca-se a atividade comercial, em especial o setor de comércio varejista, com 46,1% dos estabelecimentos da região, dados em expansão, visto que segundo os dados da RAIS 2006 (ver tabela 2), esse setor correspondia a 45% dos estabelecimentos. Em seguida (mesma posição segundo os dados da RAIS 2006) destaca-se o setor de serviços de alojamento, alimentação, reparação e manutenção com 13,9%, porém em menor

quantidade percentual que a última contagem (14,2%). Em terceiro lugar aparece o setor de comércio de imóveis (também de acordo com a última contagem da RAIS, no que diz a posição e na porcentagem representativa) com 8,8% dos estabelecimentos da região. O principal setor da indústria de transformação em número de estabelecimentos é a indústria de produtos alimentícios, bebida e álcool etílico que aparece em décimo lugar com apenas 1,5% dos estabelecimentos da região, seguido pela indústria metalúrgica que possui 1,0% dos estabelecimentos (ver segunda parte, penúltima coluna, da Tabela 1). Em relação aos dados da RAIS 2006, a indústria de produtos alimentícios, bebida e álcool etílico perdeu uma posição neste ranking de importância relativa, sendo ultrapassada pelo setor de instituições de crédito, com 1,7% dos estabelecimentos.

Em comparação com o MRJ (ver primeira parte, última coluna, da tabela 1) os setores com maior participação relativa são: indústria de produtos minerais não metálicos; ensino; indústria metalúrgica; comércio varejista e indústrias de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico com respectivamente, 18,7, 11,8, 11, 10,4 e 10%, significando mais que a participação relativa do número de estabelecimentos da região no MRJ (6,3%). Aliás, os setores com maior participação relativa são diferentes dos setores com maior participação absoluta, sendo encontrados três setores da indústria de transformação, enquanto antes o primeiro representante do setor se encontrava apenas em décimo lugar. Comparativamente aos dados da RAIS 2006 (ver tabela 2), houve uma mudança nos primeiros colocados em participação relativa, saindo o setor de madeira e mobiliário com 14,9% dos estabelecimentos do MRJ, substituído pelo setor de comércio varejista. Cabe também ressaltar que as participações relativas ao MRJ pelos dados da RAIS 2006 eram mais altas do que as pelos dados da RAIS 2008, com mais setores ultrapassando a casa dos 10% (8 setores contra 5 em 2008). Isso pode ser explicado pelo fato de mesmo havendo um crescimento do número de estabelecimentos dos setores listados no MRJ de 115.730 em 2006 para 119.732, houve uma queda de 10,26% do número desses estabelecimentos na Zona Oeste, de 8.352 em 2006 para 7.495 em 2008.

Analisando a distribuição dos estabelecimentos por atividade econômica e por região administrativa, pode ser observado que em todas as quatro regiões pesquisadas, a atividade que ocupa a primeira posição é o comércio varejista. Em segundo lugar,

aparece também nas quatro regiões pesquisadas, o serviço de alojamento, alimentação e reparação, girando em torno de 13,2% em Campo Grande até 15% em Realengo. A partir daí, algumas diferenças surgem entre as regiões administrativas pesquisadas; Bangu com 11,8% dos estabelecimentos de compra e administração de imóveis da região, Realengo com 7,7% dos estabelecimentos de Ensino e Campo Grande e Santa Cruz, com respectivamente 9,1% e 6,3% dos estabelecimentos de serviços médicos, odontológicos e veterinários (ver Tabela 1). O que mais diferencia aos dados da RAIS 2006 é a presença do setor de ensino em terceiro lugar na região de Santa Cruz (com 7,8% dos estabelecimentos da região) enquanto nas demais ocupa a quarta ou quinta posição, com participações variando entre 5,3%, em Campo Grande, e 6,8%, em Realengo (ver Tabela 2).

Tabela 1 - Número de estabelecimentos e participação relativa por setor da economia nos bairros selecionados, 2008

	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total (1)	Total MRJ (2)	Participação % (1)/(2)
Indústria Extrativa e de Transformação	136	201	85	84	506	6.733	7,5
Extrativa mineral	2	4	0	1	7	138	5,1
Indústria de produtos minerais não metálicos	10	19	1	9	39	209	18,7
Indústria metalúrgica	23	30	14	10	77	701	11,0
Indústria mecânica	9	10	4	7	30	383	7,8
Indústria do material elétrico e de comunicações	1	4	3	1	9	173	5,2
Indústria do material de transporte	3	3	3	1	10	141	7,1
Indústria da madeira e do mobiliário	6	8	7	3	24	261	9,2
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	15	21	7	10	53	1.162	4,6
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	9	11	7	3	30	566	5,3
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	12	16	6	14	48	689	7,0
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	12	32	16	6	66	1.175	5,6
Indústria de calçados	2	0	0	0	2	30	6,7
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	32	43	17	19	111	1.105	10,0
Serviços industriais de utilidade pública	3	5	0	4	12	198	6,1
Construção civil	44	97	32	51	224	3.026	7,4
Comércio	1.014	1.769	449	509	3.741	38.586	9,7
Comércio varejista	927	1.649	399	483	3.458	33.384	10,4
Comércio atacadista	87	120	50	26	283	5.202	5,4
Serviços	911	1.364	329	376	2.980	70.847	4,2
Instituições de crédito, seguros e capitalização	38	65	7	20	130	2.878	4,5
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	250	287	65	59	661	33.053	2,0
Transportes e comunicações	71	79	18	33	201	4.351	4,6
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	310	454	134	141	1.039	18.191	5,7
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	160	313	35	65	573	8.928	6,4
Ensino	82	164	69	57	372	3.162	11,8
Administração pública direta e autárquica	0	2	1	1	4	284	1,4
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	3	16	0	13	32	342	9,4
Total	2.111	3.452	895	1.037	7.495	119.732	6,3

	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total %	Total MRJ %
Indústria Extrativa e de Transformação	6,4	5,8	9,5	8,1	6,8	5,6
Extrativa mineral	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1
Indústria de produtos minerais não metálicos	0,5	0,6	0,1	0,9	0,5	0,2
Indústria metalúrgica	1,1	0,9	1,6	1,0	1,0	0,6
Indústria mecânica	0,4	0,3	0,4	0,7	0,4	0,3
Indústria do material elétrico e de comunicações	0,0	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1
Indústria do material de transporte	0,1	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1
Indústria da madeira e do mobiliário	0,3	0,2	0,8	0,3	0,3	0,2
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	0,7	0,6	0,8	1,0	0,7	1,0
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	0,4	0,3	0,8	0,3	0,4	0,5
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	0,6	0,5	0,7	1,4	0,6	0,6
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	0,6	0,9	1,8	0,6	0,9	1,0
Indústria de calçados	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1,5	1,2	1,9	1,8	1,5	0,9
Serviços industriais de utilidade pública	0,1	0,1	0,0	0,4	0,2	0,2
Construção civil	2,1	2,8	3,6	4,9	3,0	2,5
Comércio	48,0	51,2	50,2	49,1	49,9	32,2
Comércio varejista	43,9	47,8	44,6	46,6	46,1	27,9
Comércio atacadista	4,1	3,5	5,6	2,5	3,8	4,3
Serviços	43,2	39,5	36,8	36,3	39,8	59,2
Instituições de crédito, seguros e capitalização	1,8	1,9	0,8	1,9	1,7	2,4
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	11,8	8,3	7,3	5,7	8,8	27,6
Transportes e comunicações	3,4	2,3	2,0	3,2	2,7	3,6
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	14,7	13,2	15,0	13,6	13,9	15,2
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	7,6	9,1	3,9	6,3	7,6	7,5
Ensino	3,9	4,8	7,7	5,5	5,0	2,6
Administração pública direta e autárquica	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	0,1	0,5	0,0	1,3	0,4	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração própria com base na RAIS 2008.

Tabela 2 – Número de estabelecimentos e participação relativa por setor da economia nos bairros selecionados, 2006

	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total (1)	Total MRJ (2)	Participação % (1)/(2)
Indústria Extrativa e de Transformação	164	230	121	112	627	6.744	9,3
Indústria de produtos minerais não metálicos	10	22	1	11	44	236	18,8
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	42	56	30	35	163	1.097	14,9
Indústria da madeira e do mobiliário	8	14	5	7	34	254	13,4
Indústria metalúrgica	26	30	23	10	89	708	12,6
Indústria de calçados	1	2	0	0	3	33	9,1
Extrativa mineral	3	5	0	1	9	106	8,5
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	16	22	8	17	63	754	8,4
Indústria do material de transporte	0	3	4	4	11	133	8,3
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	17	37	22	8	84	1.110	7,6
Indústria mecânica	8	10	7	5	30	409	7,3
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	11	7	10	5	33	599	5,5
Indústria do material elétrico e de comunicações	3	3	3	0	9	176	5,1
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	19	19	8	9	55	1.129	4,9
Serviços industriais de utilidade pública	3	6	1	5	15	168	8,9
Construção civil	50	82	19	50	201	2.745	7,3
Comércio	1.056	1.857	572	617	4.102	37.173	11,0
Comércio varejista	954	1.726	514	598	3.792	32.267	11,8
Comércio atacadista	102	131	58	19	310	4.906	6,3
Serviços	1.022	1.419	465	464	3.370	68.567	4,9
Ensino	133	193	80	98	504	3.110	16,2
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	184	294	46	80	604	8.675	7,0
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	357	479	202	149	1.187	17.556	6,8
Transportes e comunicações	78	82	18	43	221	4.088	5,4
Instituições de crédito, seguros e capitalização	26	52	18	15	111	2.605	4,3
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	244	318	99	78	739	32.230	2,3
Administração pública direta e autárquica	0	1	2	1	4	303	1,3
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrat. vegetal...	3	18	1	15	37	333	11,1
Total	2.298	3.612	1.179	1.263	8.352	115.730	7,2

	Campo		Santa		Total (%)	Total MRJ (%)
	Bangu	Grande	Realengo	Cruz		
Indústria Extrativa e de Transformação	7,1	6,4	10,3	8,9	7,5	5,8
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1,8	1,6	2,5	2,8	2,0	0,9
Indústria metalúrgica	1,1	0,8	2,0	0,8	1,1	0,6
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	0,7	1,0	1,9	0,6	1,0	1,0
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	0,7	0,6	0,7	1,3	0,8	0,7
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	0,8	0,5	0,7	0,7	0,7	1,0
Indústria de produtos minerais não metálicos	0,4	0,6	0,1	0,9	0,5	0,2
Indústria da madeira e do mobiliário	0,3	0,4	0,4	0,6	0,4	0,2
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	0,5	0,2	0,8	0,4	0,4	0,5
Indústria mecânica	0,3	0,3	0,6	0,4	0,4	0,4
Indústria do material de transporte	0,0	0,1	0,3	0,3	0,1	0,1
Indústria do material elétrico e de comunicações	0,1	0,1	0,3	0,0	0,1	0,2
Extrativa mineral	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1
Indústria de calçados	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Serviços industriais de utilidade pública	0,1	0,2	0,1	0,4	0,2	0,1
Construção civil	2,2	2,3	1,6	4,0	2,4	2,4
Comércio	46,0	51,4	48,5	48,9	49,1	32,1
Comércio varejista	41,5	47,8	43,6	47,3	45,4	27,9
Comércio atacadista	4,4	3,6	4,9	1,5	3,7	4,2
Serviços	44,5	39,3	39,4	36,7	40,3	59,2
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	15,5	13,3	17,1	11,8	14,2	15,2
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	10,6	8,8	8,4	6,2	8,8	27,8
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	8,0	8,1	3,9	6,3	7,2	7,5
Ensino	5,8	5,3	6,8	7,8	6,0	2,7
Transportes e comunicações	3,4	2,3	1,5	3,4	2,6	3,5
Instituições de crédito, seguros e capitalização	1,1	1,4	1,5	1,2	1,3	2,3
Administração pública direta e autárquica	0,0	0,0	0,2	0,1	0,0	0,3
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrat. vegetal...	0,1	0,5	0,1	1,2	0,4	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte : Elaboração do Grupo de Economia da Inovação com base na RAIS 2006

Em relação à representatividade dos estabelecimentos das regiões administrativas pesquisadas, o setor de produtos minerais não metálicos surge como o mais representativo dos setores em três regiões: Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, sendo responsável respectivamente por 4,7, 9,1 e 4,3% dos estabelecimentos do setor no MRJ. Na região administrativa de Bangu outros setores que recebem destaque são: produtos metalúrgicos com 3,3% e de produtos alimentícios, bebida e álcool etílico com 2,9% dos estabelecimentos do MRJ. Já na região administrativa de Campo Grande, ensino (5,2%); comércio varejista (4,9%); agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal (4,67%) também merecem destaque. Na região administrativa de Realengo o setor que possui maior quantidade de estabelecimentos, contrariando as outras regiões administrativas, é o setor de ensino (2,2%) que também aparece em destaque na região de Santa Cruz, com 1,8%, juntamente com o setor de agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal com 3,8% dos estabelecimentos Municipais. Vale a pena observar que a região administrativa de Campo Grande, dentre as quatro regiões pesquisadas, é a que apresenta os percentuais mais altos de concentração e também a maior quantidade de setores.

Analisando os empregos da região em estudo segundo as atividades econômicas (Tabela 3), destaca-se o setor de comércio varejista com 29,5% dos 113.686 empregos formais existentes (crescimento irrisório, contando que segundo a RAIS 2006 havia 113.561 empregos nas regiões administrativas pesquisadas). Em seguida encontram-se os setores de serviços de alojamento com 9,1% e o setor de construção civil, com 8,6% dos empregos pesquisados. O principal setor da indústria de transformação em número de empregos é o de produtos metalúrgicos, aparecendo apenas em oitava posição, com 4,4% dos empregos formais da região pesquisada. De acordo com os dados da RAIS 2006 (ver Tabela 4), o setor de comércio varejista se manteve na primeira posição, ganhando participação relativa, já que detinha 29% dos empregos no período, seguido pelo setor de serviços de alojamento com 11,7% (perdeu participação relativa) e pelo setor de transportes e comunicação com 11,1% (presente apenas em quinta posição com 6,1% dos empregos formais segundo a RAIS 2008), ao passo que o primeiro setor da atividade industrial em participação relativa de empregos em 2006 era a de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico em sétima posição (segundo a RAIS 2008, nona posição). Vale a pena observar que de 2006 para 2008 houve um *boom* nos dados referentes à construção civil, passando de 2.391 empregos para 9.734, um crescimento de 307,1%. Mesmo havendo um crescimento das atividades do setor de construção civil no Município do Rio de Janeiro (de 72.978 empregos em 2006 para 94.416 em 2008, um aumento de 29,37%), o crescimento ocorrido na região estudada está muito acima do resto do MRJ, configurando uma visível corrida imobiliária na região, no âmbito residencial e de alguns grandes empreendimentos industriais, já que caiu o número de estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços de 2006 para 2008 na região.

Se compararmos a participação relativa do número de empregos da Zona Oeste com o MRJ, os setores com maior participação relativa são diferentes dos setores com maior número absoluto de empregos. Neste caso, os principais setores, encontram-se todos na indústria de transformação (visto que na participação absoluta os setores com maior importância eram do setor comércio, construção civil e serviços) e em ordem decrescente de participação relativa são: indústria da borracha, fumo, couros; indústria metalúrgica; indústria de produtos minerais não metálicos; indústria mecânica; indústria alimentícia, bebidas e álcool etílico e indústria gráfica. As participações relativas desses setores são, respectivamente de 34,3, 32,5, 24,3, 13, 12,5 e 12,1% apresentando no

mínimo o dobro em relação à participação relativa total dos empregos frente ao MRJ que é de 5,3%.

Tabela 3 - Número de empregos e participação relativa por setor da economia nos bairros selecionados, 2008

	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total (1)	Total MRJ (2)	Participação % (1)/(2)
Indústria Extrativa e de Transformação	4.290	8.056	1.788	8.633	22.767	146.143	15,6
Extrativa mineral	71	66	0	3	140	18.034	0,8
Indústria de produtos minerais não metálicos	190	669	31	309	1.199	4.937	24,3
Indústria metalúrgica	359	648	124	3.852	4.983	15.319	32,5
Indústria mecânica	159	294	18	1.164	1.635	12.616	13,0
Indústria do material elétrico e de comunicações	1	47	18	19	85	4.732	1,8
Indústria do material de transporte	22	45	36	170	273	8.325	3,3
Indústria da madeira e do mobiliário	66	50	70	20	206	3.067	6,7
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	88	143	62	2.124	2.417	19.894	12,1
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	45	2.846	1.014	15	3.920	11.422	34,3
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	667	1.211	185	662	2.725	25.252	10,8
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	113	400	127	40	680	21.807	3,1
Indústria de calçados	11	0	0	0	11	738	1,5
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	2.498	1.637	103	255	4.493	35.987	12,5
Serviços industriais de utilidade pública	11	122	0	187	320	33.023	1,0
Construção civil	403	2.012	131	7.188	9.734	94.416	10,3
Comércio	9.557	19.494	3.556	4.445	37.052	360.980	10,3
Comércio varejista	8.714	17.299	3.293	4.249	33.555	295.105	11,4
Comércio atacadista	843	2.195	263	196	3.497	65.875	5,3
Serviços	12.815	17.884	6.903	6.045	43.647	1.489.417	2,9
Instituições de crédito, seguros e capitalização	394	780	109	331	1.614	63.935	2,5
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	2.068	1.771	2.232	705	6.776	371.939	1,8
Transportes e comunicações	4.105	1.664	829	372	6.970	153.977	4,5
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	3.250	4.342	1.225	1.553	10.370	270.074	3,8
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	1.681	3.244	235	484	5.644	83.709	6,7
Ensino	1.317	5.735	2.172	1.050	10.274	98.917	10,4
Administração pública direta e autárquica	0	348	101	1.550	1.999	446.866	0,4
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	37	91	0	38	166	1.732	9,6
Total	27.113	47.659	12.378	26.536	113.686	2.125.711	5,3

	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total %	Total MRJ %
Indústria Extrativa e de Transformação	15,8	16,9	14,4	32,5	20,0	6,9
Extrativa mineral	0,3	0,1	0,0	0,0	0,1	0,8
Indústria de produtos minerais não metálicos	0,7	1,4	0,3	1,2	1,1	0,2
Indústria metalúrgica	1,3	1,4	1,0	14,5	4,4	0,7
Indústria mecânica	0,6	0,6	0,1	4,4	1,4	0,6
Indústria do material elétrico e de comunicações	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2
Indústria do material de transporte	0,1	0,1	0,3	0,6	0,2	0,4
Indústria da madeira e do mobiliário	0,2	0,1	0,6	0,1	0,2	0,1
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	0,3	0,3	0,5	8,0	2,1	0,9
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	0,2	6,0	8,2	0,1	3,4	0,5
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	2,5	2,5	1,5	2,5	2,4	1,2
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	0,4	0,8	1,0	0,2	0,6	1,0
Indústria de calçados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	9,2	3,4	0,8	1,0	4,0	1,7
Serviços industriais de utilidade pública	0,0	0,3	0,0	0,7	0,3	1,6
Construção civil	1,5	4,2	1,1	27,1	8,6	4,4
Comércio	35,2	40,9	28,7	16,8	32,6	17,0
Comércio varejista	32,1	36,3	26,6	16,0	29,5	13,9
Comércio atacadista	3,1	4,6	2,1	0,7	3,1	3,1
Serviços	47,3	37,5	55,8	22,8	38,4	70,1
Instituições de crédito, seguros e capitalização	1,5	1,6	0,9	1,2	1,4	3,0
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	7,6	3,7	18,0	2,7	6,0	17,5
Transportes e comunicações	15,1	3,5	6,7	1,4	6,1	7,2
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	12,0	9,1	9,9	5,9	9,1	12,7
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	6,2	6,8	1,9	1,8	5,0	3,9
Ensino	4,9	12,0	17,5	4,0	9,0	4,7
Administração pública direta e autárquica	0,0	0,7	0,8	5,8	1,8	21,0
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	0,1	0,2	0,0	0,1	0,1	0,1
Total	100	100	100	100	100	100

Esses dados mostram que mesmo que a indústria não se destaque por número de empregos gerados na região em estudo, comparativamente ao MRJ, pode ser percebida uma especialização relativa da região nas atividades industriais. O primeiro setor não industrial em ordem de participação relativa do número de empregos formais é o setor de comércio varejista, que aparece em sétima posição com 11,4% (uma queda percentual em relação aos dados da RAIS 2006).

Analisando a distribuição de empregos por atividade econômica e por região administrativa, pode ser observado que o setor de comércio varejista aparece em primeira posição em três das quatro regiões pesquisadas. São elas: Bangu, Campo Grande e Realengo com 32,1, 36,3 e 26,6% dos empregos formais de cada uma dessas regiões. Em Santa Cruz, o setor de comércio varejista fica apenas em segunda posição com 16% dos empregos formais, tendo sido ultrapassado pelo setor de construção civil (27,1%). Esse fato pode ser explicado pela construção de uma fábrica da Thyssen Kroup, além da expansão da Gerdau e de outras obras voltadas para o setor industrial, aliadas a menor característica histórica da região em termos de comércio, ao contrário de seus vizinhos.

Tabela 4 – Número de empregos e participação relativa por setor da economia nos bairros selecionados, 2006

	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total (1)	Total MRJ (2)	Participação % (1)/(2)
Indústria Extrativa e de Transformação	4.904	5.174	2.399	7.361	19.838	166.616	11,9
Indústria metalúrgica	139	433	169	2.711	3.452	12.530	27,5
Indústria de produtos minerais não metálicos	157	505	25	223	910	4.744	19,2
Indústria da madeira e do mobiliário	64	152	143	153	512	2.742	18,7
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	3.023	1.531	211	569	5.334	34.796	15,3
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	40	367	1.001	54	1.462	11.346	12,9
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	344	143	55	1.976	2.518	20.121	12,5
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	623	1.159	303	744	2.829	24.444	11,6
Indústria mecânica	269	242	53	431	995	10.694	9,3
Indústria do material de transporte	0	136	112	318	566	6.719	8,4
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	179	450	308	180	1.117	20.253	5,5
Indústria do material elétrico e de comunicações	5	30	19	0	54	4.338	1,2
Extrativa mineral	61	25	0	2	88	13.318	0,7
Indústria de calçados	0	1	0	0	1	571	0,2
Serviços industriais de utilidade pública	6	131	6	171	314	31.425	1,0
Construção civil	423	1.244	282	442	2.391	72.978	3,3
Comércio	8.942	17.514	5.491	4.560	36.507	326.497	11,2
Comércio varejista	8.106	15.174	5.097	4.420	32.797	268.394	12,2
Comércio atacadista	836	2.340	394	140	3.710	58.103	6,4
Serviços	14.355	21.516	9.276	9.257	54.404	1.362.737	4,0
Ensino	2.208	5.799	1.919	1.594	11.520	97.165	11,9
Transportes e comunicações	4.426	4.171	888	3.130	12.615	135.545	9,3
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	1.598	2.499	932	1.090	6.119	80.573	7,6
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r.	4.087	5.585	2.303	1.328	13.303	254.129	5,2
Instituições de crédito, seguros e capitalização	351	685	255	282	1.573	58.652	2,7
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	1.685	2.475	2.091	597	6.848	316.120	2,2
Administração pública direta e autárquica	0	302	888	1.236	2.426	420.553	0,6
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrat. vegetal...	3	51	1	52	107	1.761	6,1
Total	28.633	45.630	17.455	21.843	113.561	1.962.014	5,8

	/0				Total MRJ	
	Bangu	Campo Grande	Realengo	Santa Cruz	Total (%)	(%)
Indústria Extrativa e de Transformação	17,1	11,3	13,7	33,7	17,5	8,5
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	10,6	3,4	1,2	2,6	4,7	1,8
Indústria metalúrgica	0,5	0,9	1,0	12,4	3,0	0,6
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	2,2	2,5	1,7	3,4	2,5	1,2
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	1,2	0,3	0,3	9,0	2,2	1,0
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	0,1	0,8	5,7	0,2	1,3	0,6
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	0,6	1,0	1,8	0,8	1,0	1,0
Indústria mecânica	0,9	0,5	0,3	2,0	0,9	0,5
Indústria de produtos minerais não metálicos	0,5	1,1	0,1	1,0	0,8	0,2
Indústria do material de transporte	0,0	0,3	0,6	1,5	0,5	0,3
Indústria da madeira e do mobiliário	0,2	0,3	0,8	0,7	0,5	0,1
Extrativa mineral	0,2	0,1	0,0	0,0	0,1	0,7
Indústria do material elétrico e de comunicações	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,2
Indústria de calçados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Serviços industriais de utilidade pública	0,0	0,3	0,0	0,8	0,3	1,6
Construção civil	1,5	2,7	1,6	2,0	2,1	3,7
Comércio	31,2	38,4	31,5	20,9	32,1	16,6
Comércio varejista	28,3	33,3	29,2	20,2	28,9	13,7
Comércio atacadista	2,9	5,1	2,3	0,6	3,3	3,0
Serviços	50,1	47,2	53,1	42,4	47,9	69,5
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r.	14,3	12,2	13,2	6,1	11,7	13,0
Transportes e comunicações	15,5	9,1	5,1	14,3	11,1	6,9
Ensino	7,7	12,7	11,0	7,3	10,1	5,0
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	5,9	5,4	12,0	2,7	6,0	16,1
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	5,6	5,5	5,3	5,0	5,4	4,1
Administração pública direta e autárquica	0,0	0,7	5,1	5,7	2,1	21,4
Instituições de crédito, seguros e capitalização	1,2	1,5	1,5	1,3	1,4	3,0
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrat. vegetal...	0,0	0,1	0,0	0,2	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração própria com base na RAIS 2006

A partir disso, cada região administrativa se encaminha para uma direção. Bangu apresenta o setor de transportes e comunicações (15,1%) e o setor de alojamento (12%) respectivamente como segundo e terceiro lugares num ranking de participação do trabalho formal; a região administrativa de Campo Grande apresenta o setor de ensino (12%) e o setor de alojamento (9,1%); Realengo apresenta o setor de imóveis (18%) e o setor de ensino (17,5%) e Santa Cruz apresenta em terceira posição o setor de mecânica com 14,5% dos empregos formais de sua região.

Em relação aos dados da RAIS 2006, o setor de comércio varejista ainda se mostra o mais importante nas regiões pesquisadas, apenas perdendo espaço em Santa Cruz para o setor de construção civil. Antes o setor variava sua participação relativa entre 20% e 33%, agora entre 16% e 36,3% dependendo da região estudada. Em relação aos outros setores, como é o caso do setor de ensino, setor de alojamento e setor de transportes e comunicações, estes ainda mantêm sua importância dentro da Zona Oeste, apenas variando conforme a região administrativa.

É importante frisar que nestas duas primeiras tabelas foram trabalhados apenas os quatro bairros-sede da região, caso contrário, a participação da região, tanto no que tange os estabelecimentos, quanto os empregos seria maior. A título de curiosidade, a participação relativa total dos estabelecimentos da Zona Oeste no MRJ seria de 7,8% (um aumento de 1,5%) e a participação relativa dos empregos seria de 6,6% (um aumento de 1,3

II.2 – ESTABELECIMENTOS E EMPREGOS QUANTO AOS TAMANHOS DOS ESTABELECIMENTOS

Como visto anteriormente, a Zona Oeste estudada representa 6,3% dos estabelecimentos dos MRJ e 5,3% dos empregos formais. Os bairros-sede (os bairros que dão nome as Regiões Administrativas) são os que apresentam o maior número de estabelecimentos e empregos formais, sendo os quatro primeiros dentre os dezessete pesquisados, conforme o detalhado na Tabelas 3 e 4.

De acordo com a Tabela 3, em termos de distribuição de estabelecimentos, a região administrativa que mais se destaca é Campo Grande com 42,5% dos estabelecimentos da região estudada, seguida por Bangu com 28,3%, Santa Cruz com 15,1% e por último, de Realengo com 14%. Em relação ao MRJ as participações relativas dos estabelecimentos são de: 3,3%, 2,2%, 1,2% e 1,1% respectivamente, somando 7,8% (ver Tabela 3, última coluna). Já o número de empregos (ver Tabela 4) é mais bem distribuído em relação aos estabelecimentos, apesar da ordem dos bairros não se alterar. Campo Grande aparece em primeira posição com 41,9% dos empregos formais, sendo seguido por Bangu, Santa Cruz e Realengo, com respectivamente 23,2%, 21,7% e 13,2%. Já em relação ao MRJ, as participações relativas são, respectivamente, 2,7%, 1,5%, 1,4% e 0,9%, somando 6,5% (ver Tabela 4, última coluna).

Comparando esses dados com os obtidos pela RAIS 2006 a ordem de importância dos bairros-sedes se mantém inalterada, tanto no que diz respeito à quantidade de estabelecimentos quanto à quantidade de empregos.

Tabela 5 – Número e distribuição dos estabelecimentos, por tamanho nos bairros selecionados, para os anos de 2006 e 2008

	2006				2008			
	Micro (0 a 9)	Pequeno (10 a 49)	Médio (50 a 249)	Grande (> 250)	Micro (0 a 9)	Pequeno (10 a 49)	Médio (50 a 249)	Grande (>250)
Bangu	1.786	420	77	15	1.844	516	89	16
Bangu	1.343	333	62	12	1.438	438	75	12
Padre Miguel	287	60	10	2	261	48	11	2
Senador Camará	156	27	5	1	145	30	3	2
Campo Grande	2.773	689	131	19	2.712	817	140	29
Campo Grande	2.389	586	116	16	2.336	687	131	23
Cosmos	73	21	3	2	92	27	1	1
Inhoaiba	90	28	4	0	76	35	4	1
Santissimo	94	25	4	1	88	29	3	3
Senador Vasconcelos	127	29	4	0	120	39	1	1
Realengo	906	228	36	9	926	253	35	9
Campo dos Afonsos	25	7	2	1	34	7	3	2
Deodoro	30	15	1	0	32	19	2	0
Jardim Sulacap	151	35	4	1	161	41	5	2
Magalhaes Bastos	58	14	0	0	51	15	0	0
Realengo	624	153	28	7	629	168	23	5
Vila Militar	18	4	1	0	19	3	2	0
Santa Cruz	971	243	40	9	965	283	51	17
Paciência	173	44	6	1	182	46	5	2
Santa Cruz	720	185	32	8	704	215	41	15
Sepetiba	78	14	2	0	79	22	5	0
Total Zona Oeste (1)	6.436	1.580	284	52	6.447	1.869	315	71
Total MRJ (2)	90.745	20.553	3.608	824	84.272	22.194	4.004	930
Participação % - (1) / (2)	7,1%	7,7%	7,9%	6,3%	7,7%	8,4%	7,9%	7,6%

	2006			2008		
	Total	Total (%)	MRJ (%)	Total	Total (%)	MRJ (%)
Bangu	2.298	27,5	2,0	2.465	28,3	2,2
Bangu	1.750	21,0	1,5	1.963	22,6	1,8
Padre Miguel	359	4,3	0,3	322	3,7	0,3
Senador Camara	189	2,3	0,2	180	2,1	0,2
Campo Grande	3.612	43,2	3,1	3.698	42,5	3,3
Campo Grande	3.107	37,2	2,7	3.177	36,5	2,9
Cosmos	99	1,2	0,1	121	1,4	0,1
Inhoaiba	122	1,5	0,1	116	1,3	0,1
Santissimo	124	1,5	0,1	123	1,4	0,1
Senador Vasconcelos	160	1,9	0,1	161	1,9	0,1
Realengo	1.179	14,1	1,0	1.223	14,1	1,1
Campo dos Afonsos	35	0,4	0,0	46	0,5	0,0
Deodoro	46	0,6	0,0	53	0,6	0,0
Jardim Sulacap	191	2,3	0,2	209	2,4	0,2
Magalhaes Bastos	72	0,9	0,1	66	0,8	0,1
Realengo	812	9,7	0,7	825	9,5	0,7
Vila Militar	23	0,3	0,0	24	0,3	0,0

Santa Cruz	1.263	15,1	1,1	1.316	15,1	1,2%
Paciencia	224	2,7	0,2	235	2,7	0,2
Santa Cruz	945	11,3	0,8	975	11,2	0,9
Sepetiba	94	1,1	0,1	106	1,2	0,1
Total Zona Oeste (1)	8.352	100	7,2	8.702	100	7,8
Total MRJ (2)	115.730	-	100	111.400	-	100
Participação % (1)/ (2)	7,2%	-	-	7,8%	-	-

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS 2008.

*Utilizou-se a variável emprego para tamanho, conforme os intervalos indicados na Tabela.

Entre as classes de estabelecimentos existentes nas quatro regiões administrativas pesquisadas, pode se perceber um predomínio de micro e pequenos estabelecimentos: aproximadamente 95,5% dos estabelecimentos enquadram-se nessa regra. No que tange aos bairros separadamente, o percentual de micro e pequenos estabelecimentos também gira em torno dessa razão.

Um fato que vale a pena ser observado é que mesmo sendo responsável por apenas aproximadamente 5% dos estabelecimentos, os estabelecimentos médio e grande são responsáveis por quase 60% dos 142.130 empregos formais na região pesquisada. A distribuição dos empregos segundo o porte dos estabelecimentos apresenta-se de forma similar em Bangu, Campo Grande e Realengo, com uma distribuição girando entre 16% e 18% nas micros, 25% e 30% nas pequenas, diferenciando um pouco nas médias e grandes, onde neste último segmento por exemplo, Realengo tem uma maior concentração de empregos nesse último setor que Bangu e Campo Grande (37,9% de Realengo contra 26,1% de Bangu e 28,5% de Campo Grande). Já Santa Cruz chama atenção pela baixa concentração de empregos formais nos estabelecimentos do setor micro, com apenas 9% de participação, ao caso que no setor de grandes empresas concentra cerca de 60% dos empregos.

Comparando os dados das regiões pesquisadas com os do MRJ, pode ser observado que a participação relativa dos empregos gerados nos micros, pequenos e médios estabelecimentos têm aproximadamente as mesmas participações que os estabelecimentos do mesmo porte sobre o total de estabelecimentos do MRJ, mostrando que estes possuem uma capacidade de geração de empregos formais semelhantes. Esta posição está de acordo com os mesmos dados referentes à RAIS 2006 (ver tabela 6). Os empregos gerados nos estabelecimentos de maior porte representam uma participação relativa de 5,1%, mostrando uma grande evolução ao que diz respeito aos dados da RAIS 2006, quando este valor era de 3,7%, mas ainda sim, estes estabelecimentos

geram menos empregos que os estabelecimentos de mesmo porte do MRJ (37,7% contra 49%). Uma hipótese viável para explicar esta constatação seria de que as principais atividades econômicas da região são pouco intensivas em mão-de-obra e mais intensivas em capital.

Tabela 6 – Número e distribuição dos empregos segundo o tamanho das empresas para os bairros selecionados, para os anos de 2006 e 2008

	2006				2008			
	Micro (0 a 9)	Pequeno (10 a 49)	Médio (50 a 249)	Grande (> 250)	Micro (0 a 9)	Pequeno (10 a 49)	Médio (50 a 249)	Grande (>250)
Bangu	5.431	8.095	7.021	8.086	6.264	9.985	8.201	8.482
Bangu	4.153	6.421	5.423	7.175	4.930	8.391	6.730	7.062
Padre Miguel	777	1191	834	647	838	980	855	880
Senador Camará	501	483	764	264	496	614	616	540
Campo Grande	8.600	13.534	12.490	11.006	9.272	16.066	13.332	20.896
Campo Grande	7.437	11.669	11.162	7.189	8.034	13.573	12.464	13.588
Cosmos	221	370	197	2.508	304	519	66	658
Inhoaiba	287	507	322	0	283	653	485	1.902
Santissimo	281	497	366	1.309	289	562	265	4.372
Senador Vasconcelos	374	491	443	0	362	759	52	376
Realengo	2.800	4.405	4.086	6.164	3.142	4.900	3.302	7.457
Campo dos Afonsos	48	95	133	766	104	125	244	1.664
Deodoro	118	405	166	0	99	405	174	0
Jardim Sulacap	479	629	459	299	547	765	516	1.095
Magalhaes Bastos	168	271	0	0	180	352	0	0
Realengo	1.922	2.907	3.259	5.099	2.118	3.200	2.362	4.698
Vila Militar	65	98	69	0	67	53	186	0
Santa Cruz	3.052	4.683	4.793	9.315	3.299	5.569	5.238	16.725
Paciencia	521	878	781	528	655	901	670	1.012
Santa Cruz	2.279	3.517	3.897	8.787	2.389	4.224	4.210	15.713
Sepetiba	252	288	115	0	255	444	358	0
Total Zona Oeste (1)	19.883	30.717	28.390	34.571	21.977	36.520	30.073	53.560
Total Rio de Janeiro (2)	264.104	405.826	356.440	935.644	268.725	440.831	392.019	1.060.123
Participação % - (1) / (2)	7,5%	7,6%	8,0%	3,7%	8,2%	8,3%	7,7%	5,1%

	2006			2008		
	Total	Total (%)	MRJ (%)	Total	Total (%)	MRJ (%)
Bangu	28.633	25,2	1,5	32.932	23,1	1,5
Bangu	23.172	20,4	1,2	27.113	19,1	1,3
Padre Miguel	3.449	3,0	0,2	3.553	2,5	0,2
Senador Camará	2.012	1,8	0,1	2.266	1,6	0,1
Campo Grande	45.630	40,2	2,3	59.566	41,9	2,8
Campo Grande	37.457	33,0	1,9	47.659	33,5	2,2
Cosmos	3.296	2,9	0,2	1.547	1,1	0,1
Inhoaiba	1.116	1,0	0,1	3.323	2,3	0,2
Santissimo	2.453	2,2	0,1	5.488	3,9	0,3
Senador Vasconcelos	1.308	1,2	0,1	1.549	1,1	0,1

Realengo	17.455	15,4	0,9	18.954	13,3	0,9
Campo dos Afonsos	1.042	0,9	0,1	2.137	1,5	0,1
Deodoro	689	0,6	0,0	678	0,5	0,0
Jardim Sulacap	1.866	1,6	0,1	2.923	2,1	0,1
Magalhaes Bastos	439	0,4	0,0	532	0,4	0,0
Realengo	13.187	11,6	0,7	12.378	8,7	0,6
Vila Militar	232	0,2	0,0	306	0,2	0,0
Santa Cruz	21.843	19,2	1,1	30.831	21,7	1,4
Paciencia	2.708	2,4	0,1	3.238	2,3	0,1
Santa Cruz	18.480	16,3	0,9	26.536	18,7	1,2
Sepetiba	655	0,6	0,0	1.057	0,7	0,0
Total Zona Oeste (1)	113.561	100	5,8	142.283	100	6,6
Total Rio de Janeiro (2)	1.962.014	-	100	2.161.698	-	100
Participação % - (1) / (2)	5,8%	-	-	6,6%	-	-

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RAIS 2008.

*Utilizou-se a variável emprego para tamanho, conforme os intervalos indicados na Tabela.

II.3 – PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Na análise do desenvolvimento da Zona Oeste é válido ouvir dos agentes que vivenciam a região, quais são os problemas e as possíveis soluções para esta. Para tal fim, foram utilizadas duas tabelas elaboradas pelo Grupo de Economia da Inovação da UFRJ no projeto de “Desenvolvimento Econômico da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno”, baseadas numa pesquisa da Fecomércio-RJ junto a comerciantes, num total de 780 entrevistas e numa pesquisa junto aos usuários do comércio dos bairros pesquisados reunindo 1.983 entrevistas, sendo na primeira listados os pontos negativos/problemas de seis bairros da região (Bangu, Campo Grande, Padre Miguel, Realengo, Santa Cruz e Santíssimo), tanto pela opinião empresarial quanto pela opinião popular. Já a segunda tabela, assinala as soluções pelas duas óticas.

O principal problema apontado pelos empresários da região pesquisada foi a estrutura comercial, citada em todos os seis bairros da pesquisa, variando de 5,8% em Padre Miguel a 41,4% em Santíssimo. Esse problema lidera a lista pela ótica dos empresários em quatro dos seis bairros, com exceção apenas de Bangu e Padre Miguel, onde aparece em segunda posição, perdendo para Urbanização e Falta de agências bancárias, respectivamente. Outros problemas que aparecem com frequência na região são: Transporte (Campo Grande, Padre Miguel e Santa Cruz), Segurança (Bangu,

Realengo e Santa Cruz), Urbanização (Bangu e Santíssimo) e Serviços Públicos (Santa Cruz e Santíssimo).

Na opinião popular, o principal problema é a Segurança, criticado em todos os seis bairros pesquisados, seguido por Transporte e Falta de serviços públicos, citados em cinco e quatro bairros da região, respectivamente. O problema da Segurança é apontado em primeiro lugar em três bairros (Bangu, Padre Miguel e Santa Cruz), em segundo lugar em Campo Grande e terceiro em Santa Cruz e Santíssimo, variando de 15,2% (Campo Grande) a 31,3% (Santa Cruz). Na segunda posição, Transporte é citado em cinco dos seis bairros (apenas não é apontado em Realengo) com índices variando de 12,9% (Padre Miguel) a 22,4% (Santa Cruz). Em terceiro, a Falta de serviços públicos está presente em quatro bairros (está fora de Bangu e Santa Cruz), mas lidera em Realengo (26,8%) e Santíssimo (21,7%). Vale a pena notar, que para a opinião popular Lazer e Saneamento não são problemas.

Tabela 7 – Principais problemas identificados nos bairros selecionados (%)

Opinião empresarial	<i>Zona Oeste</i>					
	Bangu	Campo Grande	Padre Miguel	Realengo	Santa Cruz	Santíssimo
Estacionamento						
Estrutura Comercial (6)	15,6	13,0	5,8	28,9	31,1	41,4
Falta de agências bancárias (1)			20,0			
Políticas públicas (1)		3,0				
Saneamento (1)				6,2		
Segurança (3)	11,9			4,1	26,7	
Serviços públicos (2)					12,2	6,9
Transporte (3)		6,0	5,7		12,2	
Urbanização (2)	59,4					6,9

Opinião popular	<i>Zona Oeste</i>					
	Bangu	Campo Grande	Padre Miguel	Realengo	Santa Cruz	Santíssimo
Estrutura Comercial (1)				22,9		
Falta de serviços públicos (4)		13,2	9,0	26,8		21,7
Lazer						
Saneamento						
Segurança (6)	25,2	15,2	27,1	21,9	31,3	19,8
Serviços públicos (1)					21,1	
Transporte (5)	18,1	22,2	12,9		22,4	20,7
Urbanização (1)	15,3					

Fonte: Elaboração do Grupo de Economia da Inovação para o projeto de Desenvolvimento Econômico da Zona Oeste e do seu Entorno com base no Mapeamento Fecomércio

As soluções apontadas pela opinião empresarial são mais bem distribuídas do que os problemas, sendo a Segurança a solução mais indicada (citada em quatro dos seis bairros) com percentuais entre 1,4% (Campo Grande) e 21,1% (Santa Cruz). Em segundo lugar aparece Incentivos a atividade econômica, com três indicações (Campo Grande, Padre Miguel e Realengo), variando de 3,8% (Campo Grande) a 2,9% (Padre Miguel). Em terceiro lugar em número de citações aparecem: Combate à informalidade, Estrutura comercial, Serviços públicos, Transporte, Urbanização e Não apresentaram solução, todas com duas indicações cada. Dessas soluções todas, vale a pena observar a título de curiosidade, que a solução “Não apresentaram solução” aparece com índices de 88,9% em Campo Grande e 93,8% em Realengo. Esses índices são muito elevados, mostrando o total desconhecimento das necessidades empresariais ou a falta de problemas da região, hipótese pouquíssimo provável.

As opiniões populares são mais concentradas do que as opiniões empresariais, tendo as soluções relacionadas à Segurança e Serviços públicos como as mais indicadas, apontadas em cinco dos seis bairros da região pesquisada, sendo seguido por Transporte, com quatro indicações. Os índices relacionados à Segurança variam de 6,7% (Campo Grande) a 25,8% (Santa Cruz), já os de Serviços públicos variam de 3,9% (Padre Miguel) a 17,8% (Santa Cruz) e os de Transporte variam de 4,5% (Campo Grande) a 22,2% (Santa Cruz).

Tabela 8 – Principais soluções identificadas nos bairros pesquisados (%)

Opinião empresarial	Zona Oeste					
	Bangu	Campo Grande	Padre Miguel	Realengo	Santa Cruz	Santíssimo
Combate à informalidade (2)	3,8			1,0		
Estacionamentos						
Estrutura comercial (2)			20,0		16,7	
Fiscalização (1)					10,0	
Incentivos a ativ. Econômica (3)		3,8	2,9	3,1		
Saneamento (1)						
Segurança (4)	10,6	1,4			21,1	10,3
Serviços públicos (2)			2,9			6,9
Trânsito						
Transporte (2)		2,7	5,7			
Urbanização (2)	49,4					6,9
Não apresentaram solução (2)		88,9		93,8		

Opinião popular	Zona Oeste					
	Bangu	Campo Grande	Padre Miguel	Realengo	Santa Cruz	Santíssimo
Estrutura comercial (1)				1,4		
Lazer (1)				4,4		
Saneamento						
Saúde						
Segurança (5)	19,9	6,7	17,3		25,8	18,9
Serviços públicos (5)	11,7	5,2	3,9		17,8	14,2
Trânsito						
Transporte (4)	15,3	4,7	8,0		22,2	
Urbanização (2)				6,8		16,0
Não apresentaram solução						

Fonte: Elaboração do Grupo de Economia da Inovação para o projeto de Desenvolvimento Econômico da Zona Oeste e do seu Entorno com base no Mapeamento Fecomércio

Se compararmos os principais problemas com as principais soluções indicadas pela opinião empresarial, notamos que mesmo não sendo iguais elas possuem ligações, já que o problema com a estrutura comercial se relaciona com as soluções “Incentivo à atividade econômica” e “Combate a informalidade”. Já a Segurança, apesar de estar em ordem de importância diferente aparece em ambos os casos. Para a opinião popular, comparando os problemas apontados com as soluções, verifica-se que elas são exatamente correspondentes, mantendo inclusive a mesma ordem de importância.

CAPÍTULO III – POTENCIALIDADES E DEBILIDADES DA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO

O estudo das potencialidades e das debilidades no âmbito das especificidades das empresas e da infra-estrutura vigente na região compreendida como Zona Oeste do Rio de Janeiro se defronta com a percepção histórica de quem as descreve além da análise dos dados numéricos. Para gerar uma uniformidade, serão identificadas como potencialidades as atividades que têm condições favoráveis e diferenciadas para serem desenvolvidas, enquanto que como debilidades serão consideradas aquelas atividades que não encontram, por algum motivo, essas condições. Além disso, na análise de potencialidades, por exemplo, será considerado também o tempo de instalação desses setores na região (enraizados), que permitem um ambiente diferenciado para a expansão da atividade econômica; setores em visível expansão, vide dados comparativos da RAIS entre os anos 2006 e 2008; setores muito concentrados em relação aos dados do MRJ e com características positivas ao desenvolvimento da região. As debilidades serão tratadas como setores incipientes; atividades em retração na região de acordo com os dados comparativos da RAIS entre os anos 2006 e 2008; de baixa participação em relação ao MRJ, além dos problemas vividos pela região.

As características positivas e negativas da região no que tange ao processo de industrialização se referem desde às características naturais desta, como a existência de insumos, de mão-de-obra devido ao seu contingente populacional e de espaço físico, consideradas por qualquer empresa desde os primórdios da industrialização como fator determinante para sua instalação, a outras características peculiares à Zona Oeste, como suas políticas públicas, seu grande mercado consumidor (aproximadamente 1,5 milhão de habitantes), proximidade com canais de escoamento de produção, como dois portos (Porto de Itaguaí e do Rio de Janeiro, cada um em um extremo, distanciando-se da região em aproximadamente 50 km) e vias terrestres como a rodovia BR-465 (Antiga Rio-São Paulo), a Avenida Brasil e futuramente o Arco Metropolitano do Rio de Janeiro que visará interligar as diversas vias expressas de entrada e saída da cidade, além de fornecer um acesso exposto ao Porto de Itaguaí evitando que veículos que estejam de passagem, passem por dentro da cidade e diminuindo os engarrafamentos.

III.1 – POTENCIALIDADES

III.1.1 – CARACTERÍSTICAS NATURAIS E ECONÔMICAS DA ZONA OESTE

As potencialidades existentes na Zona Oeste do Rio de Janeiro que se referem às características naturais, principais motivos de atração no princípio de seu desenvolvimento industrial, variam de: a abundância de espaço físico, devido ao fato de seu tratar de uma região até pouco tempo considerada rural e por isso, distante da parte mais urbana do MRJ, com muitas áreas ainda desocupadas e com a existência de grandes propriedades, além de alguma infra-estrutura industrial básica, surgida principalmente na década de 70, com a instauração da política dos distritos industriais em Campo Grande, Palmares e Santa Cruz; ao fato de ser um grande mercado consumidor, responsável por aproximadamente 1,5 milhão de habitantes e sendo os seus principais bairros, passagem de parcela significativa de habitantes de outras regiões, inclusive de outros municípios; por ser uma região rica em determinados insumos básicos para o desenvolvimento de certas atividades; pela localização geográfica, onde num raio de 500 km, interage com os grandes centros do país, tanto os já consolidados, como São Paulo, Minas e o próprio centro do Rio de Janeiro, quanto os em expansão, como os da região Centro-Oeste. Outro assunto referente à característica populacional da Zona Oeste, que diz respeito à mão-de-obra existente, tem caráter ambíguo, pois em número podemos classificá-la como uma potencialidade, mas na qualidade, será tratada como uma debilidade mais adiante.

Para a análise econômica dos setores com potencial, consolidado ou em expansão, na Zona Oeste foi adotada a idéia da superioridade dos 10% de participação no município, isto é, como o Município do Rio de Janeiro é formado por 160 bairros e que no presente trabalho apenas quatro bairros são analisados, uma participação próxima ou acima de 10% é bem representativa, demonstrando uma importância daquela atividade econômica para a região. Com isso, as atividades que segundo os dados da RAIS girarem em torno dos 10% de participação, tanto no que diz respeito ao número de estabelecimentos quanto ao número de empregos gerados, serão consideradas potencialidades e as que girarem em torno de valores baixos de participação, serão consideradas como debilidades.

III.1.2 – SETORES TRADICIONAIS NA ZONA OESTE

De acordo com as atividades econômicas, principalmente em relação ao seu contingente populacional, a região é muito desenvolvida comercialmente, sendo os seus quatro bairros-sede responsáveis por, segundo os dados da RAIS 2008, 9,7% (3.741 de 38.586) dos estabelecimentos comerciais do MRJ, tanto varejistas quanto atacadistas, e por 10,3% (37.052 de 360.980) dos empregos gerados pelo setor. Mesmo a atividade comercial, segundo os dados comparativos da RAIS (ver Tabelas 1,2,3 e 4), tendo caído em números absolutos e relativos no que se refere aos estabelecimentos e tendo caído em termos relativos de empregos, ao passo que em termos absolutos tenha aumentado, ainda se mostra um setor característico e de grande importância na região. Isso pode também ser verificado observando que dos 160 bairros existentes no Município do Rio de Janeiro, apenas os quatro bairros-sede do estudo são responsáveis por aproximadamente 10% do total tanto dos estabelecimentos quanto dos empregos gerados no setor comércio e que se observarmos os dados referentes apenas a própria região, veremos que dos 7.495 estabelecimentos existentes, 3.741 ou 49,9% destes são comerciais e que geram 32,6% de todos os empregos da região.

Analisando o setor comércio separadamente, no segmento de varejo dentro da Zona Oeste o número de estabelecimentos entre os anos 2006 e 2008, segundo os dados da RAIS, caiu 8,8%, passando de 3.792 estabelecimentos para 3.458, indo ao contrário do ocorrido no MRJ, onde o aumento foi de 3,4%, passando de 32.267 estabelecimentos para 33.384, o que em termos relativos gerou uma queda de participação de 11,8% para 9,7%. No que se refere ao número de empregos gerados pela atividade, a Zona Oeste viveu um crescimento de 2,3%, passando de 32.797 empregos em 2006 para 33.555 em 2008, indo de acordo com o MRJ, onde o aumento foi mais substancial, 9,9%, passando de 268.394 empregos em 2006 para 295.105 em 2008, que em termos relativos gerou uma queda de participação, mas menos acentuada do que no âmbito dos estabelecimentos, de 12,2% para 10,3%. Já no segmento de atacado, no que se refere aos dados do número de estabelecimentos da Zona Oeste houve uma queda de 8,7%, passando de 310 estabelecimentos em 2006 para 283 em 2008, ao passo que no MRJ houve um crescimento de 6%, passando de 4.906 para 5.202, que em termos relativos significa uma queda de 6,3% para 5,4% de participação da região no total dos estabelecimentos do município. No que se refere ao número de empregos a Zona Oeste

também teve uma queda, mas menos acentuada, 5,7%, passando de 3.710 empregos gerados pelo segmento em 2006 para 3.497 em 2008, ao passo que no MRJ houve um grande aumento de 13,4%, passando de 58.103 empregos em 2006 para 65.875 em 2008, que significa uma queda de participação relativa de 6,4% para 5,3% (ver Tabelas 1,2,3 e 4, capítulo 2).

O setor comercial é tão característico da Zona Oeste que mesmo galpões sem serventia ou abandonados na região, onde poderiam se instalar empresas/indústrias ou firmas prestadoras de serviço vêm há alguns anos se tornando centros de comercialização de artigos de moda, a exemplo da Taigo em Santíssimo, ou de comercialização de carros usados.

A indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico é outro ramo da atividade econômica que merece destaque a ponto de poder ser caracterizada como uma potencialidade da Zona Oeste. Segundo os dados da RAIS 2008, dos 1.105 estabelecimentos relacionados ao setor existentes no MRJ, 10% ou 111 estabelecimentos se encontram nos bairros em estudo (ver Tabela 1, capítulo 2). No mesmo período de análise, os dados referentes a emprego são relativamente maiores, pois dos 35.987 empregos gerados pelo setor, 12,5% ou 4.493 se encontram na região (ver Tabela 3, capítulo 2). De acordo com os dados da RAIS 2006 (ver Tabelas 2 e 4, capítulo 2), em números absolutos e relativos aos do MRJ, tanto referentes a estabelecimentos quanto aos empregos gerados, os dados da Zona Oeste tiveram uma piora, caindo de 163 estabelecimentos para 111 e de 5.334 empregos para 4.493, porém, de acordo com os dados, o setor ainda se mantém como um dos mais importantes para a região, sendo representado por empresas como a Ambev, Refrigerantes Convenção, Carreteiro Alimentos entre outras.

O setor de ensino na região com seus expressivos números também pode ser considerado uma potencialidade, tanto no que diz respeito aos estabelecimentos quanto aos empregos gerados nestes. Segundo os dados da RAIS 2008, os quatro bairros-sedes do estudo concentravam 372 estabelecimentos de ensino, representando 11,8% de um total de 3.162 existentes no MRJ, com 10,4% ou 10.274 dos 98.917 empregos existentes no setor (ver Tabelas 1 e 2, capítulo 2). De acordo com os dados da RAIS 2006 (ver Tabelas 2 e 4, capítulo 2), os dados relacionados a ensino tiveram uma piora absoluta e

relativa aos do MRJ, tanto no que se refere ao número de estabelecimentos quanto nos de empregos, caindo de 504 para 372 e de 11.520 para 10.274 respectivamente. Vale a pena observar que a queda no número de estabelecimentos (26,2%) foi comparativamente muito maior que a queda do número de empregos (10,8%), podendo-se concluir que o desemprego gerado pela diminuição de estabelecimentos, foi em boa parte absorvido pelas instituições mantidas.

A Zona Oeste apresenta também características que a faz ser propícia a formação de um pólo metal-mecânico, principalmente devido à quantidade expressiva de estabelecimentos ligados às atividades de metalurgia e mecânica encontradas nos seus quatro bairros-sede. Isso pode ser verificado através dos números da RAIS 2008, que mostram que a existência na região de 77 dos 701 estabelecimentos ligados à indústria metalúrgica no MRJ e de 30 dos 383 estabelecimentos ligados à indústria mecânica no MRJ, o equivalente a 11% e 7,8% do total, respectivamente. No que se refere aos empregos gerados pelos dois setores da atividade econômica, a indústria metalúrgica na região representa 32,5% da força de trabalho da atividade no MRJ, isto é, dos 15.319 empregos gerados pela indústria metalúrgica em todo o MRJ, 4.983 se encontram na Zona Oeste. Já a participação relativa dos empregos na indústria mecânica na região é bem menor, mais ainda de destaque, representando 13%, isto é, dos 12.616 empregos gerados no MRJ, 1.635 se encontram nos quatro bairros-sedes (ver Tabelas 1 e 3, capítulo 2). De acordo com os dados da RAIS 2006 (ver Tabelas 2 e 4, capítulo 2), na atividade metalúrgica a região perdeu um pouco de participação relativa no que se refere ao número de estabelecimentos, caindo de 12,6% para 11%, sem contar que em números absolutos também houve uma queda, tanto dentro da região (de 89 para 77 estabelecimentos), quanto no MRJ (de 708 para 701), mas no que se refere ao número de empregos, os dados relativos e absolutos foram elevados. A participação relativa aumentou de 27,5% para 32,5% entre 2006 e 2008, refletindo o fato do número de empregos ter subido de 3.452 para 4.983, crescimento superior ao do MRJ (43,45% contra 22,25%).

III.1.3 – CONSTRUÇÃO CIVIL COMO A PRINCIPAL ATIVIDADE EM EXPANSÃO NA ZONA OESTE

O setor de construção-civil é o setor da atividade econômica em maior expansão na Zona Oeste, vide os dados comparativos entre as RAIS 2006 e 2008. Em número de estabelecimentos, os quatro bairros-sede da Zona Oeste subiram de 201 para 224, um aumento de 11,4%, enquanto o MRJ em sua totalidade, passou de 2.745 para 3.026, aumento de 10,2%, inferior ao da própria Zona Oeste em estudo. Houve também um pequeno aumento no que se trata da participação relativa dos estabelecimentos da Zona Oeste perante o total do MRJ, de 7,3% para 7,4%. No que diz respeito ao número de empregos gerados pela construção civil é que se pode visualizar a grande expansão do setor, subindo de 2.391 empregos segundo a RAIS 2006 para 9.734 pela RAIS 2008, um aumento de 307,1%, muito superior ao aumento dos empregos no que tange a totalidade do MRJ, aumento de 72.978 para 94.418, ou de 29,3%. Tratando-se da participação relativa dos empregos da região perante a totalidade do MRJ, houve um aumento considerável, passando de 3,2% para 10,3%. O crescimento do setor na região é baseado principalmente em dois bairros: Campo Grande e Santa Cruz. Os bairros de Bangu e Realengo expressam menos a expansão, principalmente no que se refere aos empregos gerados, 403 e 131 respectivamente. Campo Grande representa 43,3% (97 de 224) dos estabelecimentos do setor na Zona Oeste, mas com apenas 20,6% (2.012 de 9.734) dos empregos gerados pela construção civil, enquanto que Santa Cruz, representa apenas 22,7% (44 de 224) dos estabelecimentos e 73,8% (7.188 de 9.734) dos empregos, mostrando que as menores empresas do ramo se encontram em Campo Grande e as maiores em Santa Cruz. Essa expansão nesses dois bairros da Zona Oeste pode ser explicada principalmente devido à expansão/valorização imobiliária atual, com o surgimento de inúmeros condomínios residenciais, de novos empreendimentos de caráter comercial e médico, pela construção de fábricas como a Thyssen Krupp CSA em Santa Cruz e do anexo na fábrica da Michelin em Campo Grande.

III.2 - DEBILIDADES

III.2.1 – CARACTERÍSTICAS NATURAIS E ECONÔMICAS DA ZONA OESTE

A maior debilidade da Zona Oeste relacionada às suas características naturais, pode ser vista de forma ambígua, pois devido ao seu contingente populacional expressivo pode ser tratada como uma potencialidade e até o é no que se diz respeito ao seu respectivo mercado consumidor, mas também pode ser caracterizado como uma debilidade, pois no âmbito de mão-de-obra, não privilegia as empresas da região. Esse problema da mão-de-obra desqualificada ou pouco qualificada se arrasta por décadas na região devido ao fato de que nesta não se encontra em quantidade ou em infra-estrutura suficiente, instituições formadoras de profissionais voltados principalmente para a área industrial, uma das críticas feita por grande parte dos empresários do setor metal-mecânico da Zona Oeste, mas que também serve para outros ramos da atividade. A existência de instalações do Sistema S, como por exemplo, o SENAC em Campo Grande, o SESI/SENAI no centro de Santa Cruz e o SESI da Zona industrial de Santa Cruz, não provêm às informações necessárias aos empreendedores locais, muito menos uma boa qualificação industrial direcionada às empresas da região. No que se refere à educação técnica ou de terceiro grau, a região também deixa muito a desejar devido ao pouco número de escolas técnicas e de suas respectivas cadeiras voltadas para a indústria existente na região e devido ao fato das faculdades encontradas na Zona Oeste quase não terem cursos de graduação voltados para a área industrial, como por exemplo, os cursos tradicionais de engenharia.

A questão da informação citada acima também pode ser considerada uma debilidade da Zona Oeste. Esse fato ocorre devido principalmente à falta de organizações como conselhos cooperativos e da atuação restrita das associações comerciais e industriais da região, que por natureza deveriam promover o conhecimento e a informação entre os seus respectivos estabelecimentos, mas que pouco ou nada fazem. A questão da cooperação para a informação poderia servir para auxiliar também outra debilidade da região, a que diz respeito à cadeia de fornecedores, que pelo desconhecimento de fornecedores locais ou pela falta de competitividades destes, muitas destas procuram fornecedores fora do estado do Rio de Janeiro, problemas estes que poderiam ser resolvidos internamente à região.

Um outro fator que também prejudica o desenvolvimento da Zona Oeste é a informalidade existente tanto no comércio, como na atividade industrial e em outros ramos da atividade econômica. Não que a burocracia para se abrir uma firma no Rio de Janeiro, onde se demorava em média 161 dias e agora o governo está tentando mudar para 60, ao passo que no estado de Minas Gerais é de 8 dias, segundo informações da Junta Comercial de Minas Gerais e o alto custo, que segundo um estudo da FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) é o quinto mais alto do país, custando aproximadamente R\$2.811,00, sejam sozinhas as explicações para o alto grau de informalidade, mas a falta de fiscalização e a conivência dos órgãos públicos para tal, não atrapalham a existência e proliferação da informalidade. Para tal, um outro tema ajuda a explicar a questão da informalidade na Zona Oeste, a debilidade no que se refere às políticas públicas. As políticas públicas criticadas decorrem da ausência de coibição e de uma atuação mais próxima da esfera pública perante a esfera privada, fiscalizando, auxiliando e estimulando o empresariado local a trabalhar de forma lícita.

Outra característica débil em relação às empresas da Zona Oeste e alvo de muitas críticas pelos empresários da região é a questão da exportação. Muitas empresas na região exportam, principalmente as maiores como CSA, Gerdau Cosigua, Ambev, mas as empresas de menor porte passam por dificuldades que vão desde a adaptação às normas e costumes do mercado externo à questão dos custos de produção interna serem mais altos, diminuindo assim a competitividade, passando pelos problemas de logística e dos custos de exportação via porto de Itaguaí ou porto do Rio de Janeiro.

III.2.2 – ATIVIDADES ECONÔMICAS DEFICIENTES NA ZONA OESTE

O setor de serviços é o ramo da atividade econômica com maior número de estabelecimentos e de empregos gerados no MRJ, tanto pelos dados da RAIS 2006, quanto da RAIS 2008. Entretanto essa importância do setor de serviços não é característica na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde o setor de comércio é o que mais se destaca, sendo considerado a principal atividade econômica da região. No somatório das atividades econômicas que formam o setor de serviços, entre os anos de 2006 e 2008 podemos perceber uma queda expressiva nos dados da Zona Oeste. De acordo

com o número total de estabelecimentos, houve uma queda de 11,5%, caindo de 3.370 estabelecimentos em 2006 para 2.980 em 2008, enquanto no MRJ houve um crescimento de 3,3%, subindo de 68.567 estabelecimentos em 2006 para 70.847 em 2008. Assim, caindo o número de estabelecimentos da Zona Oeste e tendo aumentado o número no MRJ, a participação relativa caiu de 4,9% para 4,2%. Já de acordo com os empregos gerados pelo setor na região, houve uma queda de 19,7%, caindo de 54.404 empregos em 2006 para 43.647 em 2008, enquanto no MRJ houve um crescimento de 9,3%, seguindo os passos do número de estabelecimentos, passando de 1.362.737 empregos para 1.489.417 com a participação relativa do número de empregos caído de 4% para 2,9% (ver Tabelas 1,2,3 e 4, capítulo 2).

Porém nem todas as atividades do setor de serviço podem ser consideradas debilidades. As atividades como serviços de alojamento, alimentação, manutenção e de serviços médicos, odontológicos e veterinários, por exemplo, se encontram num meio termo. Os bairros de Campo Grande e Bangu são os mais representativos na região nestes dois segmentos do setor de serviços, sendo juntos responsáveis por mais de 1.200 estabelecimentos e por mais de 10.000 empregos. O setor de ensino, por exemplo, como foi visto, é caracterizado como uma potencialidade já consolidada na região, desmistificando o fato desta ser totalmente débil no que se refere ao setor de serviços.

O segmento de instituições de crédito, seguros e capitalização na Zona Oeste pode ser considerado uma debilidade, pois mesmo o setor estando em crescimento entre os anos de 2006 e 2008, a importância relativa deste para a economia da região é muito baixa. Em relação ao número de estabelecimentos, houve um aumento de 17%, passando de 111 estabelecimentos em 2006 para 130 em 2008, aumento este maior do que os 10,4% do MRJ, que passou de 2.605 estabelecimentos em 2006 para 2.878 em 2008. Porém, mesmo com esse aumento a participação relativa perante o MRJ passou apenas de 4,3% para 4,5%, mostrando ainda uma pouca influência dos estabelecimentos do setor na economia da Zona Oeste. No que se refere ao número de empregos gerados no setor dentro da região houve apenas um pequeno aumento de 2,4%, passando de 1.575 empregos em 2006 para 1.614 em 2008, aumento esse comparativamente menor do que os 9% acontecidos no MRJ, onde se passou de 58.652 empregos em 2006 para 63.935 em 2008. Assim como o aumento do nível de estabelecimentos, o crescimento do número de empregos também pouco influenciou o desenvolvimento da região, sendo

em relação aos dados do MRJ menor do que do período de 2006, caindo de 2,7% para 2,5% (ver Tabelas 1,2,3 e 4, capítulo2). A questão do crédito é uma dos temas de maior importância e alvo de inúmeras críticas pelo empresariado local, pois estes costumam trabalhar com capital próprio, por não ter informação dos tipos de financiamento existentes para os setores ou por não ter acesso a instituições fomentadoras que não sejam os bancos comerciais da própria região, e como se trata de uma maioria de micro e pequenas empresas, estas não suportam os juros cobrados pelo mercado.

Outro segmento que também pode ser considerado uma debilidade de acordo com os dados da RAIS na região é o setor de compra e administração de imóveis, valores imobiliários, serviços técnicos etc. Em relação ao número de estabelecimentos, houve uma queda de 10,5% de 2006 para 2008, passando de 739 estabelecimentos existentes do setor para 661, enquanto que no MRJ houve um pequeno crescimento de 2,5%, passando de 32.230 estabelecimentos em 2006 para 33.053 em 2008. Em termos de participação relativa, houve uma queda de 2,3% pelos dados da RAIS 2006 para 2% pela RAIS 2008. Em relação ao número de empregos, houve uma pequena queda de 1,05% entre os dados de 2006 e 2008 da Zona Oeste, passando de 6.848 empregos gerados pelo setor em 2006 para 6.776 empregos gerados em 2008. Essa queda dentro dos dados da Zona Oeste não é nada expressiva, mas se forem analisados os dados do MRJ, observa-se que houve um aumento de 17,6% dos empregos, passando de 316.120 em 2006 para 371.120 em 2008. Em termos de participação relativa, houve uma queda de 2,2% pelos dados da RAIS 2006 para 1,8% pelos da RAIS 2008 (ver Tabelas 1,2,3 e 4, capítulo2). Com todos estes dados apresentados, há um fortalecimento da idéia de que o setor é uma debilidade para a região, pois se todo o MRJ está em franca expansão de empregos, a Zona Oeste além de não estar em expansão como todo o resto, vive uma retração, tanto de estabelecimentos existentes quanto de empregos gerados por estes. Porém, como a região está passando por uma expansão/especulação imobiliária, esses dados mostram também que boa parte dessa nova administração imobiliária é realizada por estabelecimentos de fora da Zona Oeste, como por exemplo, a CHL, uma construtora com projetos na região, mas sem escritório nesta.

O setor que mais expressa numericamente sua debilidade na Zona Oeste é o setor de administração pública. O número de estabelecimentos existentes na região foi mantido em 4 entre 2006 e 2008, quantidade irrisória em se tratando de uma região de

mais de 1 milhão de habitantes, porém no MRJ houve uma queda de 6,3%, passando de 303 estabelecimentos em 2006 para 284 em 2008. Em termos de participação relativa, devido a diminuição dos estabelecimentos existentes no MRJ, houve um leve aumento de 1,3% para 1,4%. No que se refere ao número de empregos gerados pela administração pública na Zona Oeste, houve uma queda da participação em torno de 17,6%, passando de 2.426 empregos pelos dados da RAIS 2006 para 1.999 pela RAIS 2008 ao contrário que no MRJ houve um aumento de 6,2%, passando de 420.553 empregos gerados pelo setor em 2006 para 446.866 em 2008. Em termos de participação relativa, houve uma queda de 0,6% para 0,4%, devido ao fato de aumentar os empregos gerados no MRJ e de diminuir os empregos na Zona Oeste (ver Tabelas 1,2,3 e 4, capítulo2). Um exemplo da diminuição da esfera pública na região é o fato do fechamento do CAC (Centro de Atendimento ao Contribuinte da Receita Federal) em Bangu, passando a dividir os funcionários entre outros CAC's do Município e centralizando os processos na unidade de Campo Grande. Esses acontecimentos sobrecarregam ainda mais o já saturado serviço público brasileiro, aumentam o tempo de espera, já que ocorre um aumento da demanda de trabalho para ser realizado por um grupo restrito de funcionários.

III.2.3 – O SETOR DE TRANSPORTE E COMUNICAÇÕES COMO ATIVIDADE EM CONTRAÇÃO

O segmento de transporte e comunicações é talvez o setor da atividade econômica com maior grau de contração no período de comparação pelos dados da RAIS na Zona Oeste. Esse fato pode ser confirmado através dos dados de 2006, quando o setor de transporte e comunicações poderia até ser considerado como uma potencialidade no âmbito do número de empregos gerados, 12.615 de 135.545, ou seja, 9,3% do total existente no segmento dentro do MRJ, mas impedido pelos dados de 2008, quando apresenta uma expressiva contração, com a Zona Oeste representando apenas 6.970 empregos gerados pelo setor, uma queda de 44,7% em relação aos dados de 2006, contrariando as informações referentes ao MRJ, com seu crescimento de 13,6%, passando de 135.545 para 153.977 empregos, uma criação de 18.432 novos postos de trabalho no setor. Em termos de participação relativa, houve uma queda

exorbitante de 4,8 pontos percentuais, passando em 2008 para 4,5%. Já no que se refere ao número de estabelecimentos existentes na Zona Oeste, houve uma queda de 9%, passando de 221 estabelecimentos no setor em 2006 para 201 em 2008, ao passo que no MRJ houve um crescimento de 6,4% do número de estabelecimentos, passando de 4.088 para 4.351. Em termos da participação relativa dos estabelecimentos, segundo os dados da RAIS 2006 e 2008, houve uma queda de 5,4% para 4,6% (ver Tabelas 1,2,3 e 4, capítulo2). No segmento de transporte especificamente, essa queda no número de empregos entre os anos comparados pode ser em parte explicado pelo fechamento de grandes empresas de ônibus existentes na região como a Santa Sofia e Feital devido a problemas técnicos e financeiros, tendo essa última empresa algumas linhas operadas por outras empresas.

III.3 – SOLUÇÕES E PROPOSTAS PARA A ZONA OESTE

Para diminuir os problemas e as debilidades existentes na Zona Oeste do Rio de Janeiro, além de trabalhar para manter/elevar e assim não permitir um declínio das potencialidades da região, uma série de ações deve ser tomada, principalmente no que se refere à participação da esfera pública. Essas ações não devem ser geradas apenas pelo Estado, tem que haver também uma cooperação com o empresariado e população local, pois ninguém melhor do quem vive a realidade da região para saber o melhor direcionamento das políticas.

Uma proposta válida para diminuir o caos informativo existente e muito criticado pelos empresários da região em estudo seria a criação de centros de cooperação técnicos e tecnológicos em cada um dos quatro bairros-sede, que poderiam se instalar em sedes como as do Sistema S ou em áreas industriais, facilitando o acesso e oferecendo informações específicas sobre as atividades econômicas existentes, em setores de destaque como comércio e indústria e principalmente informações em segmentos do setor de serviços, ramo da atividade econômica deficiente na Zona Oeste. Nesses centros de cooperação poderiam também ser oferecidos serviços como pesquisas

voltadas para a cadeia de fornecedores, descobrindo as necessidades e ofertas das empresas, visando assim, à criação de uma rede de fornecimento entre os estabelecimentos da região, num segundo momento com os estabelecimentos do MRJ quiçá com os do Estado do Rio de Janeiro, eliminando ou diminuindo a dependência em relação ao Estado de São Paulo no que se refere ao fornecimento e aumentando com isso a atividade dentro do estado. Uma outra função cabível a esses centros de cooperação poderia ser a questão da capacitação da mão-de-obra. Cursos de profissionalização/ qualificação e cursos de aprimoramento voltados especificamente para os segmentos existentes na Zona Oeste, como para os potenciais comércio e indústria, quanto e especialmente para o deficiente setor de serviços poderiam ser oferecidos nessas instituições, melhorando a qualidade dos funcionários e ajudando a resolver o problema de mão-de-obra das empresas locais. Se esses centros de cooperação não puderem abrigar os cursos de qualificação de mão-de-obra, outra possibilidade existente seria a expansão de cursos e colégios técnicos, mas com uma grade de cursos voltados especificamente para suprir as necessidades da indústria localizada na Zona Oeste em estudo, mas com a devida fiscalização para que essas instituições mantenham um nível adequado, já que as hoje existentes na região, não apresentam um nível de qualidade suficiente. No que tange ao ensino técnico, essas duas propostas, aumento da oferta de cursos e escolas técnicas de qualidade e os centros de cooperação, seriam suficientes para manter um nível de crescimento e desenvolvimento das empresas locais, mas no que tange ao nível superior e a ausência de determinadas cadeiras de ensino, a melhor solução seria a oferta de cursos de engenharia, o que não existe na região e de uma maior disponibilidade de cursos e vagas oferecidas pela UEZO.

Uma questão também que deve ser mais bem desenvolvida e que ajuda a fortalecer as empresas é o acesso ao crédito, principalmente aos micros, pequenos e médios empresários, que na Zona Oeste fica restrito aos bancos comerciais e a financeiras, que devido à falta de competição cobram elevadas taxas de juros, impossibilitando aos empresários de se capitalizarem. Uma solução viável a este tema, e que também vai de encontro à questão da ausência da esfera pública, seria a existência de um órgão fomentador na região.

Em relação ao setor de serviços, além dos centros de cooperação com a questão da informação deveria também ser apresentado pela esfera pública, planos de incentivos para o desenvolvimento do setor na região, já que grande parte da mão-de-obra de outras áreas do MRJ é oriunda da Zona Oeste. Esses incentivos oferecidos pela esfera pública poderiam ser uma isenção fiscal ou cessão de um determinado terreno por um período previamente estipulado para que uma firma se instalasse, comprometendo-se a participar assim, do desenvolvimento do setor na região, como fora feito com as indústrias. A questão de incentivar o setor de serviços na Zona Oeste e assim manter parte do contingente populacional da região que se desloca para outras áreas do MRJ seria uma forma também de evitar maiores transtornos no trânsito da Avenida Brasil, por exemplo, onde há um gargalo na altura da Zona Norte gerado pelo excesso de veículos e pelo afunilamento das pistas. Essa forma de incentivo poderia iniciar com os galpões ou estruturas abandonadas ou desativadas nas principais vias, inclusive na própria Avenida Brasil, pois já haveria uma estrutura física pronta, necessitando apenas de adaptações ou pequenas reformas, onde com um investimento em TI, poderia funcionar.

No que se refere à infra-estrutura da Zona Oeste e por esta se tratar de uma responsabilidade pública, as principais medidas a serem tomadas devem ir de acordo com o bem-estar da população. Como a segurança é um problema da região e impede a instalação de estabelecimentos, deve haver políticas públicas de contenção da violência, ou seja, melhor treinamento dos corpos policiais, fortalecimento do policiamento nas ruas, ações pacíficas em comunidades carentes instaurando uma relação amigável polícia-comunidade entre outras medidas a serem melhor pensadas, por se tratar de um tema muito complexo. O trânsito intenso dentro dos bairros que compõem a Zona Oeste em estudo que se agrava devido ao estado de péssima conservação das vias além da falta de planejamento de tráfego e que geram juntos um grande problema de infra-estrutura para a região, pois prejudica o trajeto casa-trabalho fazendo com que os habitantes gastem mais tempo no deslocamento, e que para piorar tem o trânsito de mercadorias por caminhões dentro das vias urbanas juntamente com o de passageiros, ao invés de em vias alternativas. Medidas para resolver o problema do trânsito na região vão desde um estudo para descobrir as vias alternativas ideais para o trânsito de carga retirando enfim este de dentro dos bairros, de planejamento e alargamento de vias onde inevitavelmente passam carros, ônibus e caminhões e maior

manutenção e conservação das vias. Uma medida que pode ser tomada também, mas que caracteriza uma ação de última instância é a imposição de períodos de circulação de tráfego de carga, como se faz em vias de grande movimento como a própria Avenida Brasil.

Outro problema de infra-estrutura da Zona Oeste é o transporte público composto por trens, ônibus e o dito transporte alternativo, de baixa qualidade e manutenção, além da grande informalidade. Para solucionar todos esses problemas as propostas sugeridas além da pressão popular, pois o usuário é o maior prejudicado pela má prestação do serviço e pelo alto preço cobrado são: maior fiscalização em relação à manutenção dos meios de transporte, vide ônibus com bancos destruídos, trens imundos e em relação ao desrespeito dos motoristas dos meios de transportes, principalmente os de vans e kombis, das normas de trânsito, além incentivos para as empresas, principalmente as de ônibus, comprarem frotas novas e os trens, novos vagões.

Conclusão

Como estabelecido na introdução deste trabalho, seu objetivo central foi identificar os setores da atividade econômica e as características potenciais e débeis da região. Para atingir este resultado realizou-se uma análise e caracterização no que se refere aos estabelecimentos, em quantidade e em geração de empregos, e infra-estruturas existentes na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro no período correspondente ao intervalo 1996-2008. O propósito da monografia é contribuir com sugestões e idéias para o maior desenvolvimento da Zona Oeste.

A partir do referencial histórico dos principais bairros da Zona Oeste comparou-se com o desenvolvimento de outras regiões do MRJ, mostrando que a Zona Oeste sempre considerada como uma região rural se desenvolveu a partir de três vertentes: num momento inicial com a agricultura; com o comércio, vendendo e negociando desde produtos agrícolas nos primeiros momentos de existência até a grande diversidade dos dias atuais; e com a indústria, principalmente pós-década de 70. Esse desenvolvimento pouco diferiu das outras regiões, mas devido à distância geográfica em relação ao Centro da Cidade do Rio de Janeiro e do pior acesso, ficou para trás do resto do MRJ, perdendo em alguns pontos, como em turismo para a Zona Sul e serviços para a Zona Norte e Centro.

Em relação à análise dos dados da RAIS dos anos 2006-2008 fez-se uma comparação através dos dados para os setores econômicos em relação ao número de estabelecimentos e de empregos gerados. Na Zona Oeste (segunda metade da tabela 1, capítulo 2) os setores mais representativos em número de estabelecimentos se mantiveram nas mesmas posições: comércio varejista em primeiro lugar, serviços de alojamento, alimentícios etc em segundo e comércio de imóveis em terceiro, mudando apenas as porcentagens relativas nos dois primeiros, com o comércio varejista subindo de 45% em 2006 para 46,1% em 2008 e serviços de alojamento, alimentícios e etc caindo de 14,2% para 13,9%. Já no que se refere à indústria e seus setores, numa classificação de importância em valores relativos internos a própria região, houve uma queda, como pode ser visto com o setor de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, por exemplo, que em 2006 se encontrava em nono lugar e em 2008 caiu para décimo, saindo de 2% de participação relativa para 1,5%.

Em comparação ao MRJ, num *top five* dos setores em participação de estabelecimentos, houve apenas uma mudança entre os dois períodos comparados. Em 2008 os setores que se encontravam nesse *top five* eram: indústria de produtos minerais não metálicos, ensino, indústria metalúrgica, comércio varejista e indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, tendo o setor de madeira e mobiliário de 2006 sido substituído pelo comércio varejista em 2008. Uma importante verificação nessa comparação entre os dados é que houve uma queda dos valores de participação relativa entre os dois períodos analisados, caindo de 8 setores com mais de 10% de participação relativa ao MRJ em 2006 para 5 em 2008, especulando assim, um aumento de participação de outros setores, ou seja uma maior diversidade de setores na Zona Oeste.

Já no que se refere ao número de empregos gerados na Zona Oeste, os dois setores mais representativos se mantiveram (Comércio varejista e serviços de alojamento, alimentação e etc, ou seja, os mesmos setores mais representativos no número de estabelecimentos dentro da região, uma consequência lógica), havendo uma mudança na terceira colocação, onde em 2006 se encontrava o setor de transporte e comunicações (setor em maior contração na região, como fora visto) passando a dar lugar para a construção civil (setor em maior expansão na região). A primeira presença de um setor da indústria de transformação pelos dados de 2008 foi apenas em oitava posição, com a indústria metalúrgica e seus 4,4% de participação dos empregos dentro da região seguida pela indústria de alimentos, bebidas e álcool etílico ao passo que pelos dados de 2006, este último setor se encontrava em sétima posição. Em comparação com os dados do MRJ num *top five* dos setores em participação de empregos houve, assim como no que se refere aos estabelecimentos, apenas uma mudança entre setores, mas houve mais mudanças em grau de participações. Em 2008 os principais setores em geração de empregos eram: indústria da borracha, fumo e couro; indústria metalúrgica; indústria de produtos minerais não metálicos; indústria mecânica e indústria de alimentos, bebidas e álcool etílico, com a indústria mecânica tendo substituído o setor de madeira e mobiliário (setor em franca decadência). O setor de construção civil merece uma atenção maior, pois ele é um bom medidor de desenvolvimento da região em estudo, pois possibilita além de um atestado do nível de atividade econômica existente quanto um planejamento futuro e na Zona Oeste, segundo os dados da RAIS, houve uma elevação da participação em relação ao MRJ de 3,3% em 2006 para 10,3%

em 2008, confirmando a teoria de que a região passa por um boom de investimentos imobiliários.

Além disso, realizou-se uma comparação através dos dados dos estabelecimentos e empregos existentes em relação aos tamanhos de estabelecimentos. Pode-se constatar que a Zona Oeste do Rio de Janeiro não foge a normalidade de aproximadamente 95% dos seus estabelecimentos serem de micro e pequeno porte. Além desse fato, vale a pena observar que em todas as instâncias de tamanho de estabelecimentos, houve um aumento da quantidade destes e de empregos, com destaque para as grandes empresas, mostrando assim que a Zona Oeste em estudo tem fatores de atração. O bairro de Campo Grande juntamente com Bangu são destaques em concentração de estabelecimentos da região e este primeiro é destaque em quantidade de empregos perante aos outros.

Outra ilustração sobre a Zona Oeste constatada em La Rovere e Osório (2010) apresenta os resultados de um inquérito realizado pela Fecomércio-RJ para empresários e populares de seis bairros da região sobre os problemas e as possíveis soluções da Zona Oeste. Nos problemas como era previsto, a segurança foi um tema muito citado, tanto pela opinião empresarial quanto pela opinião popular, atrás apenas de estrutura comercial, que se entende por organização e apoio das associações comerciais, para os empresários e na frente de todos os outros temas para os populares, seguido de perto pelo transporte. Nos temas relacionados às soluções para os problemas, na opinião empresarial, medidas para elevar segurança no ambiente da Zona Oeste e incentivos à atividade econômica foram as opções mais apontadas, ao passo que medidas de segurança, serviços públicos e transporte foram as opções mais apontadas pela opinião popular. A conclusão gerada a partir dessas opiniões, de pessoas que convivem na região, é que devido principalmente à insegurança existente, com o auxílio dos outros problemas de infra-estrutura, há um impedimento ao maior desenvolvimento da Zona Oeste.

Finalmente a análise sobre as potencialidades e debilidades existentes na região, tanto de setores da economia quanto das características naturais a esta resumidamente mostram que a Zona Oeste, ao contrário do resto do MRJ que perdera sua característica industrial, ainda a mantém, mesmo com problemas relacionados à sua infra-estrutura e a

oferta de mão-de-obra qualificada, mas proporcionando outras vantagens para o desenvolvimento do setor como terreno, pólos entre outras. Já no setor de comércio, atividade potencial na região, o ponto positivo que mais se destaca é o grande número de estabelecimentos, mas a falta de cooperação, apoio e articulação do setor desencadeiam pontos negativos. O setor de serviços é o mais incipiente na Zona Oeste, principalmente por causa da informalidade, falta de crédito e de cooperação técnica.

Com isso concluí-se que a Zona Oeste do Rio de Janeiro, de acordo com os argumentos apresentados por este trabalho e de acordo com a regra da economia brasileira é composta principalmente por micro e pequenos estabelecimentos, com uma infra-estrutura industrial básica obtida através dos distritos industriais, além de outras infra-estruturas deficientes que na atual conjuntura impossibilitam o maior desenvolvimento da região. As medidas propostas na monografia, como a criação de centros de cooperação para diminuir o déficit informativo, aumento de escolas técnicas e de cursos voltados para a atividade industrial, além de medidas voltadas para a melhor obtenção de crédito juntamente com medidas mais radicais voltadas para a segurança e transporte, piores problemas da Zona Oeste, dariam um maior suporte para o desenvolvimento da Zona Oeste.

Referências Bibliográficas

DINIZ, C., 2000, “Impactos territoriais da reestruturação produtiva”, in: Ribeiro L. C. de Queiroz (org.), *O Futuro das metrópoles: Desigualdades e Governabilidade*, Rio de Janeiro, Revan, pp. 21-61.

FAURÉ Y. - A., HASENCLEVER L., (org.), 2005, O Desenvolvimento Local no Estado do Rio de Janeiro. *Estudos Avançados nas Realidades Municipais*, Rio de Janeiro, Editora E-Papers.

HASENCLEVER, L. LOPES, R., 2009. Análise dos dados da PIM-PF, 1996-2008. O município do Rio de Janeiro ainda mergulhado em resultados medíocres. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: IE/UFRJ e IUPERJ.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007, Pesquisa Industrial Anual 2005. Rio de Janeiro : IBGE.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, Plano Estratégico da cidade do Rio de Janeiro 001-2004. Online. Disponível em < <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/>> acesso: 15 de março de 2009.

JORNAL O GLOBO. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/07/22/segundo-firjan-abrir-empresa-no-brasil-custa-2-038-visto-de-advogado-representa-35-917224753.asp> > Acessado em: 02 de agosto de 2010.

JUNTACOMERCIAL DE MINAS GERAIS. Disponível em <<http://www.jucemg.mg.gov.br/informativos/inform100807.htm>> Acessado em: 02 de agosto de 2010.

LA ROVERE E OSÓRIO (org.), 2010. Desenvolvimento Econômico da Zona Oeste do Rio de Janeiro e do seu Entorno. Rio de Janeiro, Editora PoD.

NAKAHODO, S.. JANK, M., 2006. A Falácia da “Doença Holandesa” no Brasil.
Documento de Pesquisa. São Paulo: ICONE e FEA-USP.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Bangu.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=141>. Acessado em: 11 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Botafogo.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=020>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Caju.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=004>. Acessado em 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Campo Grande. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=144>. Acessado em: 11 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Cascadura. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=082>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Catete.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=018>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Centro.

Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=005>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros:

Copacabana. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=024>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Cosme

Velho. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=019>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Engenho da Rainha. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=055>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Engenho de Dentro. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=066>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Engenho Novo. Disponível em: <

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=061>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros:

Flamengo. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=015>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Gamboa.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=002>. Acessado em 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Gávea.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=029>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Ipanema.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=025>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros:
Laranjeiras. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=017>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Leblon.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=026>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros:
Madureira. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=083>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Maracanã.
Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=035>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros:

Mal.Hermes. Disponível em:

<

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=090>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Méier.

Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=063>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Realengo.

Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=139>. Acessado em: 12 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Santa

Cruz. Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=149>. Acessado em: 12 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: São

Cristóvão. Disponível em: <

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=010>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Saúde.

Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=001>. Acessado em 18 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Tijuca.

Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=033>. Acessado em: 17 de Janeiro de 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Armazenzinho, História dos Bairros: Urca.

Disponível em:

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=022>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2010.

URANI, A.2008. Trilhas para o Rio. *Do reconhecimento da queda à reinvenção do futuro*. Rio de Janeiro, Editora Campus.